www.ulp.pt

Joana Domingues de Oliveira A **conceção de um projeto de arquitetura religiosa – Prado do Repouso**

ULP | 2021

UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

Joana Maria Domingues de Oliveira

A conceção de um projeto de arquitetura religiosa

Prado do Repouso

Trabalho realizado sob orientação do

Prof. Doutor João Carlos Martins Lopes dos Santos

Outubro 2021

UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

Joana Maria Domingues de Oliveira

A conceção de um projeto de arquitetura religiosa Prado do Repouso

Dissertação de Mestrado em Arquitetura

Dissertação defendia em provas públicas
na Universidade Lusófona do Porto no dia 11/10/2021
Perante o júri seguinte:
Presidente: Prof. Doutor Pedro Cândido Almeida de Eça Ramalho
Arguente: Prof. Doutor António Sérgio Koch de Araújo e Silva
Orientador: Prof. Doutor João Carlos Martins Lopes dos Santos

Outubro 2021

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Agradecimentos

Aos meus pais, um profundo agradecimento por todo o apoio durante o meu percurso académico.

Aos meus amigos, que sempre foram uma presença constante e por me ouvirem sempre que precisei.

Aos meus colegas de curso, em especial à Ana e ao Carlos, que partilharam comigo todas as alegrias e dissabores no decorrer destes cinco anos de curso.

A todos os professor do curso de Mestrado Integrado em Arquitetura, por todos os ensinamentos, dedicação e confiança.

Por último, ao Professor Arquiteto João Carlos Martins Lopes dos Santos pela orientação na minha dissertação de mestrado.

Resumo

A presente dissertação aborda a conceção de um projeto de arquitetura religiosa com várias valências, tais como a igreja, as capelas mortuárias e o centro paroquial.

Numa fase inicial, para existir um maior entendimento sobre o tema abordado foram feitas várias pesquisas, quer sobre a liturgia católica, quer sobre a arquitetura religiosa portuguesa, sendo de realçar que a linha temporal nesta análise é delimitada aos séculos XX e XXI. Face às pesquisas litúrgicas, considero-as de grande relevância, pois Portugal é um país com uma longa tradição religiosa.

Considero que, na linha temporal abordada nesta análise, foram edificados vários edifícios de cariz religioso, o que, de um modo geral, nos permite ter uma perceção da evolução da arquitetura religiosa portuguesa nos séculos XX e XXI. O Movimento de Renovação da Arte Religiosa (MRAR), que surgiu nos anos sessenta do século XX, e que propunha uma outra visão para os novos espaços litúrgicos e objetos sacros, teve, neste contexto uma importância fundamental na afirmação e construção destes espaços.

No decorrer do trabalho, foram pesquisados vários exemplos de complexos religiosos em território nacional, dos quais foram escolhidos três casos de estudo, que se revelaram os mais significativos para a elaboração desta dissertação de mestrado e são ilustrativos da evolução da arquitetura religiosa em Portugal. Os referidos casos de estudo contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento do meu projeto de arquitetura religiosa, quer ao nível da conceção dos edifícios que fazem parte deste complexo religioso, quer de alguns espaços litúrgicos, nomeadamente a igreja e as capelas mortuárias.

Ao nível dos objetos litúrgicos projetados para a igreja, os mesmos têm como referência os três casos de estudo apresentados nesta dissertação de mestrado, assim como outros casos estudados, que não serão apresentados neste trabalho.

Palavras-chave:

Portugal; Arquitetura religiosa; Igreja; Capelas Mortuárias; Centro Paroquial.

Abstract

The present dissertation addresses the conception of a religious architecture project with several valences, such as the church, the mortuary chapels and the parish center.

In an initial phase, in order to have a better understanding of the subject in question, some researches were conducted, both on the Catholic liturgy and on the Portuguese religious architecture. It is worth mentioning that the time line in this analysis is delimited by the 20th and 21st centuries. In what concerns the liturgical research, I regard it of great relevance, since Portugal is a country with a long religious tradition.

I recognize that in the time line addressed in this analysis several buildings of religious nature were built, which in general allows us to have a perception of the evolution of Portuguese religious architecture in the twentieth and twenty-first centuries. The Movement for the Renewal of Religious Art (MRAR), that emerged in the sixties of the twentieth century, and which proposed another vision for the new liturgical spaces and sacred objects, had, in this context, a fundamental importance in the affirmation and construction of such spaces.

During this work, several examples of religious complexes in Portugal were researched, from which three case studies were chosen, that proved to be the most significant for the preparation of this master thesis and are illustrative of the evolution of religious architecture in Portugal. These case studies contributed significantly to the development of my project of religious architecture both in terms of the design of the buildings that are part of this religious complex and some liturgical spaces, including the church and the mortuary chapels.

In what concerns the liturgical objects designed for the church, they have as reference the three case studies presented in this master dissertation in addition to others that will not be presented in this work.

Keywords:

Portugal; Religious Architecture; Church; Mortuary Chapels; Parish Center.

Índice

Agradecimentos iii
Resumo v
Abstract vii
Índice ix
Índice de Figuras xi

Capítulo I 23
1.1 Introdução 25
1.2 Justificação e Enquadramento 27
1.3 Estado da Arte 29
1.4 Objetivos 31
1.5 Metodologia 33
1.6 Estrutura de Conteúdos 35

Capítulo II 37
2.1 Evolução da Arquitetura Religiosa em Portugal nos séculos XX e XXI 39
2.1.1 A importância do MRAR 45
2.2 A Igreja 47
2.2.1 As Formas e as Tipologias 49
2.3 A Capela Mortuária 61
2.4 O Centro Paroquial 65

Capítulo III 69
3.1 Obras de Referência 71
3.1.1 Igreja Sagrado Coração de Jesus, Lisboa – Nuno Teotónio Pereira 75
3.1.2 Igreja de Santa Maria, Marco de Canavezes – Álvaro Siza Vieira 85
3.1.3 Igreja de Santo António, Portalegre – João Carrilho da Graça 95

Capítulo IV 103
4.1 A Conceção de um Projeto de Arquitetura Religiosa – Prado do Repouso 105
4.2 A Igreja 107
4.2.1 O Local 109
4.2.2 A implantação 111
4.2.3 A Forma 113
4.2.4 A Orientação Nascente/Poente 115
4.2.5 O Cheio e o Vazio 117
4.2.6 O Altar 119
4.2.7 A Pia Batismal 123
4.2.8 O Lugar do Padre 125
4.2.9 O Ambão 127
4.2.10 O Coro 129
4.2.11 Os Bancos 131
4.3 As Capelas Mortuárias 133
4.4 O Centro Paroquial 135

Capítulo V 137
Considerações finais 139

Bibliografia 141

Webgrafia 143

Índice de Figuras

Figura 1 - Imagem de Campanha MRAR 45

https://www.snpcultura.org/fundacao_calouste_gulbenkian_disponibiliza_espolio_movimento_renovacao_arte_religiosa.html - 21 de abril de 2021

Figura 2 - Mapa-Mundo 48

https://www.freepik.com/premium-vector/world-map_1950792.htm - 15 de junho de 2021

Figura 3 - Exemplo de Igreja do século XX 49

Cunha, João Alves. "*MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa, Os Anos de Ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no século XX*", Universidade Católica Editora, 2015.

Figura 4 - Exemplo de Igreja do século XXI 49

https://www.archdaily.com/118854/santa-ana%25e2%2580%2599s-chapel-e348-arquitectura?ad_source=search&ad_medium=search_result_projects – 17 de maio de 2021

Figura 5 - Foto do Exterior 50

Cunha, João Alves. "*MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa, Os Anos de Ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no século XX*", Universidade Católica Editora, 2015.

Figura 6 - Planta da Igreja 50

http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/patrimonio_imovel/classificacao_do_patrimonio/consultaspublicasanoemcurso/moscavide/er4.pdf - 27 de abril de 2021

Figura 7 - Foto do Exterior 51

Cunha, João Alves. "*MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa, Os Anos de Ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no século XX*", Universidade Católica Editora, 2015.

Figura 8 - Planta da Igreja 51

Cunha, João Alves. "*MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa, Os Anos de Ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no século XX*", Universidade Católica Editora, 2015.

Figura 9 - Foto do Exterior 52

Cunha, João Alves. "*MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa, Os Anos de Ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no século XX*", Universidade Católica Editora, 2015.

Figura 10 - Planta da Igreja 52

https://arquivoatom.up.pt/index.php/capela-e-pavilhao-do-instituto-nun-alvares - 27 de abril de 2021

Figura 11 - Foto do Exterior 53

http://religionline.blogspot.com/2014/11/os-anos-de-ouro-da-arquitectura.html - 27 de abril de 2021

Figura 12 - Planta da Igreja 53

Cunha, João Alves. "*MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa, Os Anos de Ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no século XX*", Universidade Católica Editora, 2015.

Figura 13 - Foto do Exterior 54

Cunha, João Alves. "*MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa, Os Anos de Ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no século XX*", Universidade Católica Editora, 2015.

Figura 14 - Planta da Igreja 54

Cunha, João Alves. "*MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa, Os Anos de Ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no século XX*", Universidade Católica Editora, 2015.

Figura 15 - Foto do Exterior 55

Cunha, João Alves. "*MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa, Os Anos de Ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no século XX*", Universidade Católica Editora, 2015.

Figura 16 - Planta da Igreja 55

Cunha, João Alves. "*MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa, Os Anos de Ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no século XX*", Universidade Católica Editora, 2015.

Figura 17 - Foto do Exterior 56

https://divisare.com/projects/165323-roseta-vaz-monteiro-arquitectos-joao-morgado-senhora-da-boa-nova-church - 27 de abril de 2021

Figura 18 - Planta da Igreja 56
https://divisare.com/projects/165323-roseta-vaz-monteiro-arquitectos-joao-morgado-senhora-da-boa-nova-church - 27 de abril de 2021
Figura 19 - Foto do Exterior 57
https://www.archdaily.com/897218/church-of-s-tiago-de-antas-hugo-correia?ad_source=search&ad_medium=search_result_projects – 27 de abril de 2021
Figura 20 - Planta da Igreja 57
https://www.archdaily.com/897218/church-of-s-tiago-de-antas-hugo-correia?ad_source=search&ad_medium=search_result_projects – 27 de abril de 2021
Figura 21 - Foto do Exterior 58
https://espacodearquitetura.com/projetos/igreja-de-lagares/ - 27 de abril de 2021
Figura 22 - Planta da Igreja 58
https://espacodearquitetura.com/projetos/igreja-de-lagares/ - 27 de abril de 2021
Figura 23 - Foto do Exterior 59
https://www.archdaily.com/936254/divino-salvador-church-vitor-leal-barros-architecture?ad_source=search&ad_medium=search_result_projects – 28 de abril de 2021
Figura 24 - Planta da Igreja 59
https://www.archdaily.com/936254/divino-salvador-church-vitor-leal-barros-architecture?ad_source=search&ad_medium=search_result_projects – 28 de abril de 2021
Figura 25 - Exemplo de Capela Mortuária 63
https://www.homify.pt/projetos/424323/centro-pastoral-de-moscavide - 23 de abril de 2021
Figura 26 - Exemplo de Capela Mortuária 63
https://www.josefernandogoncalves.com/ - 03 de junho de 2021
Figura 27 - Exemplo de Centro Paroquial 68
https://www.josefernandogoncalves.com/ - 03 de junho de 2021
Figura 28 - Foto Igreja Sagrado Coração de Jesus, Lisboa 73
http://homelessmonalisa.com/obra/igreja-do-sagrado-coracao-de-jesus/ - 15 de maio de 2021
Figura 29 - Foto Igreja de Santa Maria, Marco de Canaveses 73
https://www.igrejasantamaria.pt/igreja/ - 15 de maio de 2021
Figura 30 - Foto Igreja de Santo António, Portalegre 73
https://www.carrilhodagraca.pt/st_antonio - 15 de maio de 2021

Figura 31 - Planta de Localização 77
https://earth.google.com/web/ - 30 de junho de 2021
Figura 32 - Foto da Inauguração 77
http://homelessmonalisa.com/obra/igreja-do-sagrado-coracao-de-jesus/ - 15 de maio de 2021
Figura 33 - Foto do Centro Paroquial 77
http://homelessmonalisa.com/obra/igreja-do-sagrado-coracao-de-jesus/ - 15 de maio de 2021
Figura 34 - Foto do Cartório e Biblioteca 77
http://homelessmonalisa.com/obra/igreja-do-sagrado-coracao-de-jesus/ - 15 de maio de 2021
Figura 35 - Foto da Assembleia da Igreja 78
http://homelessmonalisa.com/obra/igreja-do-sagrado-coracao-de-jesus/ - 15 de maio de 2021
Figura 36 - Foto da Assembleia, Tribuna e Lanternim da Igreja 78
http://homelessmonalisa.com/obra/igreja-do-sagrado-coracao-de-jesus/ - 15 de maio de 2021
Figura 37 - Foto do Altar e da Assembleia da Igreja 78
http://homelessmonalisa.com/obra/igreja-do-sagrado-coracao-de-jesus/ - 15 de maio de 2021
Figura 38 - Foto do Teto da Igreja 78
http://homelessmonalisa.com/obra/igreja-do-sagrado-coracao-de-jesus/ - 15 de maio de 2021
Figura 39 - Foto do Mobiliário, o Lugar do Padre 78
http://homelessmonalisa.com/obra/igreja-do-sagrado-coracao-de-jesus/ - 15 de maio de 2021
Figura 40 - Foto da Cripta 81
http://homelessmonalisa.com/obra/igreja-do-sagrado-coracao-de-jesus/ - 15 de maio de 2021
Figura 41 - Foto da Capela Mortuária 81
http://homelessmonalisa.com/obra/igreja-do-sagrado-coracao-de-jesus/ - 15 de maio de 2021

Figura 42 - Foto dos Candeeireiros Interiores 81
http://homelessmonalisa.com/obra/igreja-do-sagrado-coracao-de-jesus/ - 15 de maio de 2021
Figura 43 - Foto do Lanternim no Local Original do Batistério 81
http://homelessmonalisa.com/obra/igreja-do-sagrado-coracao-de-jesus/ - 15 de maio de 2021
Figura 44 - Planta Piso da Igreja 82
https://www.idealista.pt/news/imobiliario/habitacao/2016/01/21/29731-a-obra-de-nuno-teotonio-pereira-o-ultimo-arquiteto-modernista-portugues - 15 de maio de 2021
Figura 45 - Corte Longitudinal 82
https://www.idealista.pt/news/imobiliario/habitacao/2016/01/21/29731-a-obra-de-nuno-teotonio-pereira-o-ultimo-arquiteto-modernista-portugues - 15 de maio de 2021
Figura 46 - Corte Transversal 82
https://www.idealista.pt/news/imobiliario/habitacao/2016/01/21/29731-a-obra-de-nuno-teotonio-pereira-o-ultimo-arquiteto-modernista-portugues - 15 de maio de 2021
Figura 47 - Alçado 83
http://homelessmonalisa.com/obra/igreja-do-sagrado-coracao-de-jesus/ - 15 de maio de 2021
Figura 48 - Perspetiva do Exterior 83
http://homelessmonalisa.com/obra/igreja-do-sagrado-coracao-de-jesus/ - 15 de maio de 2021
Figura 49 - Perspetiva do Interior 83
http://homelessmonalisa.com/obra/igreja-do-sagrado-coracao-de-jesus/ - 15 de maio de 2021
Figura 50 - Foto da Maquete 84
http://www.norigem.pt/files/maquetas_0100_13_2.htm - 16 de maio de 2021
Figura 51 - Foto da Maquete 84
http://www.norigem.pt/files/maquetas_0100_13_2.htm - 16 de maio de 2021
Figura 52 - Planta de Localização 86
https://earth.google.com/web/ - 30 de junho de 2021
Figura 53 - Foto de Aérea de Todo o Complexo Religioso 86
https://espacodearquitetura.com/projetos/igreja-santa-maria-de-canaveses/ - 16 de maio de 2021

Figura 54 - Foto do Centro Paroquial 86
https://espacodearquitetura.com/projetos/igreja-santa-maria-de-canaveses/ - 16 de maio de 2021
Figura 55 - Foto do Alçado Nascente 86
https://espacodearquitetura.com/projetos/igreja-santa-maria-de-canaveses/ - 16 de maio de 2021
Figura 56 - Foto do Alçado Norte e Capelas Mortuárias 87
https://www.archdaily.com.br/br/01-56992/classicos-da-arquitetura-igreja-de-santa-maria-alvaro-siza - 16 de maio de 2021
Figura 57 - Foto do Entrada da Igreja 87
https://www.archdaily.com.br/br/01-56992/classicos-da-arquitetura-igreja-de-santa-maria-alvaro-siza - 16 de maio de 2021
Figura 58 - Foto do Acesso ao Adro 87
https://espacodearquitetura.com/projetos/igreja-santa-maria-de-canaveses/ - 16 de maio de 2021
Figura 59 - Foto do Altar e da Assembleia da Igreja 90
https://www.archdaily.com.br/br/01-56992/classicos-da-arquitetura-igreja-de-santa-maria-alvaro-siza - 16 de maio de 2021
Figura 60 - Foto Interior da Entrada, Assembleia e Coro 90
https://www.snpcultura.org/igreja_marco_canaveses_siza_vieira_15_anos.html - 16 de maio de 2021
Figura 61 - Foto do Mobiliário, o Lugar do Padre 91
https://www.snpcultura.org/igreja_marco_canaveses_siza_vieira_15_anos.html - 18 de maio de 2021
Figura 62 - Foto do Mobiliário, o Ambão 91
https://www.snpcultura.org/igreja_marco_canaveses_siza_vieira_15_anos.html - 18 de maio de 2021
Figura 63 - Foto do Mobiliário, o Sacrário 91
https://www.snpcultura.org/igreja_marco_canaveses_siza_vieira_15_anos.html - 18 de maio de 2021
Figura 64 - Foto do Batistério e Pia Batismal 91
https://www.snpcultura.org/igreja_marco_canaveses_siza_vieira_15_anos.html - 18 de maio de 2021

Figura 65 - Planta Piso da Igreja 92
https://espacodearquitetura.com/projetos/igreja-santa-maria-de-canaveses/ - 18 de maio de 2021
Figura 66 - Alçado Frontal 92
https://espacodearquitetura.com/projetos/igreja-santa-maria-de-canaveses/ - 18 de maio de 2021
Figura 67 - Alçado Norte 92
https://espacodearquitetura.com/projetos/igreja-santa-maria-de-canaveses/ - 18 de maio de 2021
Figura 68 - Corte pelo Interior da Igreja 92
https://espacodearquitetura.com/projetos/igreja-santa-maria-de-canaveses/ - 18 de maio de 2021
Figura 69 - Perspetiva do Interior 93
https://portuguesearchitectures.wordpress.com/2014/07/08/1990-97igreja-santa-maria-de-canavezesalvaro-siza/ - 18 de maio de 2021
Figura 70 - Perspetiva do Exterior 93
https://portuguesearchitectures.wordpress.com/2014/07/08/1990-97igreja-santa-maria-de-canavezesalvaro-siza/ - 18 de maio de 2021
Figura 71 - Esquiço do Mobiliário, o Lugar do Padre 93
https://portuguesearchitectures.wordpress.com/2014/07/08/1990-97igreja-santa-maria-de-canavezesalvaro-siza/ - 18 de maio de 2021
Figura 72 - Foto da Maquete 94
http://revista5.arquitetonica.com/ - 18 de maio de 2021
Figura 73 - Foto da Maquete 94
http://revista5.arquitetonica.com/ - 18 de maio de 2021
Figura 74 - Foto da Maquete 94
http://revista5.arquitetonica.com/ - 18 de maio de 2021
Figura 75 - Foto da Maquete 94
http://revista5.arquitetonica.com/ - 18 de maio de 2021
Figura 76 - Planta de Localização 96
https://earth.google.com/web/ - 30 junho de 2021

Figura 77 - Foto Relação do Edifício com a Rua 96
https://www.snpcultura.org/obs_13_igreja_santo_antonio_portalegre.html - 20 de maio de 2021
Figura 78 - Foto de Entrada no Complexo Religioso 96
https://www.carrilhodagraca.pt/st_antonio - 20 de maio de 2021
Figura 79 - Foto Alçado Tardoz 96
https://www.archdaily.com.br/br/01-33560/igreja-de-santo-antonio-e-centro-social-de-sao-bartolomeu-carrilho-da-graca-arquitectos - 20 de maio de 2021
Figura 80 - Foto Interior do Claustro 97
https://www.carrilhodagraca.pt/st_antonio - 20 de maio de 2021
Figura 81 - Foto do Altar e da Assembleia da Igreja 97
https://www.carrilhodagraca.pt/st_antonio - 20 de maio de 2021
Figura 82 - Foto da Relação da Rocha Natural com o Altar 97
https://www.archdaily.com.br/br/01-33560/igreja-de-santo-antonio-e-centro-social-de-sao-bartolomeu-carrilho-da-graca-arquitectos - 20 de maio de 2021
Figura 83 - Foto Interior da Igreja 97
https://www.archdaily.com.br/br/01-33560/igreja-de-santo-antonio-e-centro-social-de-sao-bartolomeu-carrilho-da-graca-arquitectos - 20 de maio de 2021
Figura 84 - Foto Altar e Sacrário 99
https://www.archdaily.com.br/br/01-33560/igreja-de-santo-antonio-e-centro-social-de-sao-bartolomeu-carrilho-da-graca-arquitectos - 20 de maio de 2021
Figura 85 - Foto Batistério e Pia Batismal 99
https://www.snpcultura.org/obs_13_igreja_santo_antonio_portalegre.html - 20 de maio de 2021
Figura 86 - Foto Capela Interior 99
https://www.snpcultura.org/obs_13_igreja_santo_antonio_portalegre.html - 20 de maio de 2021
Figura 87 - Planta Piso da Igreja 100
https://www.archdaily.com.br/br/01-33560/igreja-de-santo-antonio-e-centro-social-de-sao-bartolomeu-carrilho-da-graca-arquitectos - 20 de maio de 2021
Figura 88 - Corte transversal pelo Interior 100
https://www.archdaily.com.br/br/01-33560/igreja-de-santo-antonio-e-centro-social-de-sao-bartolomeu-carrilho-da-graca-arquitectos - 20 de maio de 2021

Figura 89 - Corte transversal pelo Interior 100
https://www.archdaily.com.br/br/01-33560/igreja-de-santo-antonio-e-centro-social-de-sao-bartolomeu-carrilho-da-graca-arquitectos - 20 de maio de 2021
Figura 90 - Corte Longitudinal, Relação entre o Espaço Exterior e Interior 100
https://www.archdaily.com.br/br/01-33560/igreja-de-santo-antonio-e-centro-social-de-sao-bartolomeu-carrilho-da-graca-arquitectos - 20 de maio de 2021
Figura 91 - Axonometria Explodida 101
https://www.archdaily.com.br/br/01-33560/igreja-de-santo-antonio-e-centro-social-de-sao-bartolomeu-carrilho-da-graca-arquitectos - 20 de maio de 2021
Figura 92 - Foto da Maquete 102
https://espacodearquitetura.com/eventos/inauguracao-da-exposicao-carrilho-da-graca-alentejo/ - 20 de maio de 2021
Figura 93 - Foto da Maquete 102
http://odominiodocubo.blogspot.com/2016/06/santo-antonio.html - 20 de maio de 2021
Figura 94 - Foto da Maquete 106
Autor
Figura 95 - Foto da Maquete 106
Autor
Figura 96 - Foto da Maquete 106
Autor
Figura 97 - Foto da Maquete 107
Autor
Figura 98 - Planta da Igreja 108
Autor
Figura 99 - Corte Longitudinal 108
Autor
Figura 100 - Corte Transversal 108
Autor
Figura 101 - Foto da Escarpa do Douro com Vista para o Terreno 109
Autor
Figura 102 - Planta de Implantação 111
Autor

Figura 103 - Foto da Maquete 113
Autor
Figura 104 - Planta de Orientação Solar 115
Autor
Figura 105 - Vista Frontal 121
Autor
Figura 106 - Vista Lateral 121
Autor
Figura 107 - Vista em Perspetiva 121
Autor
Figura 108 - Vista Frontal 124
Autor
Figura 109 - Vista Superior 124
Autor
Figura 110 - Vista Frontal 125
Autor
Figura 111 - Vista Lateral 125
Autor
Figura 112 - Vista em Perspetiva 125
Autor
Figura 113 - Vista Frontal 127
Autor
Figura 114 - Vista Lateral 127
Autor
Figura 115 - Vista em Perspetiva 127
Autor
Figura 116 - Planta Coro 129
Autor
Figura 117 - Corte Longitudinal 129
Autor
Figura 118 - Vista Frontal 131
Autor

Figura 119 - Vista Lateral 131
Autor
Figura 120 - Vista em Perspetiva 131
Autor
Figura 121 - Planta Capelas Mortuárias 134
Autor
Figura 122 - Corte Longitudinal 134
Autor
Figura 123 - Planta Centro Paroquial 136
Autor
Figura 124 - Planta Centro Paroquial e Salas de Catequese 136
Autor

Capítulo I

1.1 Introdução

A presente dissertação realizada, no âmbito do mestrado integrado em arquitetura na Universidade Lusófona do Porto, assenta no desenvolvimento de um projeto de arquitetura religiosa.

Portugal é um país com uma grande e longa tradição na prática religiosa, mas com poucos complexos religiosos contemporâneos construídos de raiz para albergar programas tão abrangentes e diversificados como a igreja, as capelas mortuárias e o centro paroquial. Maioritariamente, os complexos religiosos existentes resultam do reaproveitamento de edifícios pré-existentes para acolher este tipo de programa religioso.

Após uma longa pesquisa, pode-se constatar a inexistência de informação litúrgica especializada sobre a conceção de complexos religiosos, como as capelas mortuárias e os centros paroquiais, pois como referido anteriormente, estes espaços resultam do reaproveitamento de edifícios pré-existentes. Todavia pode-se verificar, ao contrário do que seria de supor, a existência de alguns complexos religiosos construídos de raiz para albergar complexos religiosos com diferentes funções e tipologias, fruto das necessidades dos novos tempos.

Sendo de realçar as obras e os estudos do MRAR, um movimento criado pela iniciativa de vários artistas católicos, com o intuito de modernizar a arquitetura religiosa e a arte sacra em Portugal em meados do século XX. É possível afirmar, que este movimento marca de forma inequívoca, o início da arquitetura religiosa moderna em Portugal, tendo desempenhado um papel fundamental na modernização de novos edifícios religiosos, como também na conceção de objetos litúrgicos mais contemporâneos, sendo mesmo uma referência no panorama da arquitetura religiosa portuguesa e uma fonte de inspiração para a conceção de novos complexos religiosos, como por exemplo o Complexo Paroquial do Sagrado Coração de Jesus em Lisboa, classificado como Monumento Nacional, um dos edifícios religiosos mais premiados do século XX, de autoria dos arquitetos Teotónio Pereira e Nuno Portas, sendo estes dois arquitetos conjuntamente com outros arquitetos e artistas os fundadores do MRAR, é uma obra que na minha opinião, revela os princípios de modernidade do MRAR, bem como os princípios da Carta de Atenas.

Porém é possível verificar a existência de vários complexos religiosos contemporâneos que fazem um retrato da arquitetura portuguesa na transição dos séculos XX e XXI, como é o caso da Igreja de Santa Maria e do seu complexo religioso no Marco de Canaveses, sendo este, um dos maiores exemplos da arquitetura religiosa contemporânea em Portugal nos finais do século XX de autoria do arquiteto Siza Vieira.

Um outro exemplo, é a Igreja de Santo António e o seu complexo religioso na cidade de Portalegre, sendo este, um projeto realizado pelo arquiteto Carrilho da Graça, que considero a união perfeita entre a arquitetura clássica e arquitetura religiosa contemporânea.

Estes três projetos, entre outros, foram uma referência e uma fonte de inspiração para o desenvolvimento do meu projeto de arquitetura religiosa, quer ao nível dos espaços projetados, assim como, dos objetos litúrgicos mais relevantes na conceção do projeto.

1.2 Justificação e Enquadramento

A presente dissertação de mestrado foi realizada com o principal propósito da obtenção do grau de Mestre em Arquitetura. No entanto, este tema foi igualmente desenvolvido no âmbito da disciplina de projeto, do quinto ano que decorreu no ano letivo de 2020/2021. Neste sentido, foi desenvolvido um complexo religioso junto ao Largo do Padre Baltasar Guedes e do cemitério do Prado do Repouso na cidade do Porto.

De um modo geral existem poucos complexos religiosos construídos de raiz para acolher programas arquitetónicos tão abrangentes como o programa aqui desenvolvido. Por esse motivo, considero que se torna de grande relevância compreender de que forma se pode desenvolver este tipo de complexo religioso, tendo sempre em consideração a simbologia, a espiritualidade dos espaços projetados e a importância do mobiliário projetado.

No entanto, podemos considerar que a arquitetura religiosa em Portugal evoluiu de forma significativa, desde os modelos mais tradicionalistas aplicados nos finais do século XIX até aos modelos mais vanguardistas do século XX, algo que considero um momento de rotura com os modelos mais tradicionalistas antecessores. Sendo de realçar a importância que o Movimento de Renovação da Arte Religiosa teve no panorama da arquitetura contemporânea, criando uma profunda renovação da arte e arquitetura portuguesa, através do desenvolvimento de vários objetos litúrgicos, bem como, na edificação de novos complexos religiosos com formas mais contemporâneas, e com uma grande relação de proximidade com os princípios advindos da Carta de Atenas.

Contudo, nos finais do século XX e inícios do século XXI a arquitetura religiosa portuguesa evolui para uma forma de minimalismo religioso, como é o caso da Igreja de Santa Maria no Marco de Canaveses e da Igreja de Santo António em Portalegre, todavia, só com um estudo profundo aos edifícios religiosos em território nacional é que será possível comprovar ou não a existência deste novo estilo na arquitetura religiosa.

1.3 Estado da Arte

De forma a atingir os objetivos propostos no âmbito da presente dissertação de mestrado foi iniciada uma pesquisa a toda a informação disponível, contudo, foram sentidas algumas dificuldades, fruto da pandemia que assolou o país e o mundo, onde nem sempre era possível o acesso às bibliotecas.

De um modo geral, foi possível verificar através das referências bibliográficas e da webgrafia indicada nesta dissertação, que existe uma grande variedade de informação sobre a temática a abordar, mais concretamente, no âmbito da conceção de igrejas, fruto da edificação de várias igrejas nos séculos XX e XXI. Relativamente à conceção das capelas mortuárias e dos centros paroquiais não existe muita informação escrita e litúrgica, devido à escassa construção deste tipo de equipamento em território nacional.

A informação descrita foi lida, refletida e interpretada, de forma que se tornou imprescindível a sua anexação na presente dissertação.

Sendo de realçar, as entrevistas/conversas ocorridas no decorrer das pesquisas efetuadas como também das visitas efetuadas aos casos de estudo que de uma forma geral se tornaram fundamentais para melhor compreender as vicissitudes de cada projeto.

1.4 Objetivos

O principal objetivo desta dissertação de mestrado pretende demonstrar a forma como foi desenvolvido o meu projeto de arquitetura religiosa. Explicando a motivação para a tomada de determinadas decisões, no decorrer do desenvolvimento do mesmo, e como estas decisões contribuíram para uma maior misticidade e espiritualidade dos espaços projetados.

Um outro aspeto é apresentar a composição dos espaços projetados e de alguns objetos litúrgicos desenvolvidos para o meu projeto, nomeadamente, a igreja tendo sempre em consideração todas as especificações técnicas e litúrgicas para a conceção de espaços religiosos.

Por fim, o último objetivo é demostrar de que forma a arquitetura religiosa evoluiu em Portugal, mais concretamente nos séculos XX e XXI, através da análise de vários casos de estudo que na minha opinião são alguns dos mais relevantes em território nacional.

1.5 Metodologia

A metodologia aplicada na elaboração desta dissertação de mestrado, passou inicialmente por uma análise à informação disponível sobre o tema da arquitetura religiosa, com o intuito de apurar a utilidade do tema a abordar nesta dissertação de mestrado.

Posteriormente e após aceitação do tema, foi reunida toda a informação disponível, desde livros, teses doutoramento, publicações académicas, revistas e pesquisa na internet, que de uma forma mais significativa poderiam contribuir para uma maior compreensão sobre o tema a abordar.

Seguidamente, foi efetuada uma reflexão crítica sobre toda a informação compilada, com o intuito de existir uma análise pessoal sobre os dados adquiridos.

Numa fase posterior, foram escolhidas e estudadas várias obras que foram uma referência para a conceção deste projeto de arquitetura religiosa, quer ao nível da implantação do complexo religioso, quer ao nível da sua materialidade. Sendo de referir que das várias obras estudadas ao longo da elaboração do complexo religioso, foram escolhidas três obras como caso de estudo, que para além de serem uma referência para este projeto, também foram consideradas as mais relevantes para haver um maior entendimento da evolução da arquitetura religiosa em Portugal nos séculos XX e XXI.

1.6 Estrutura de Conteúdos

Esta dissertação de mestrado está estruturada em cinco capítulos nucleares. Sendo que a leitura deste subcapítulo é imprescindível para existir uma maior compreensão de cada capítulo e os seus subcapítulos.

No capítulo I será abordada a introdução ao tema, a justificação e enquadramento do tema escolhido, o estado da arte, os objetivos, a metodologia aplicada na elaboração desta dissertação e por último a estrutura de conteúdos.

Seguidamente, no capítulo II será explicada de uma forma detalhada a evolução da arquitetura religiosa em Portugal, nos séculos XX e XXI, e a importância que o Movimento de Renovação da Arte Religiosa teve em território nacional. Neste capítulo ainda será abordado o tema da conceção da igreja, das capelas mortuárias e do centro paroquial.

Posteriormente, no capítulo III serão apresentados os três casos de estudo abordados nesta dissertação, sendo efetuada uma análise detalhada de cada caso de estudo, bem como, uma referência às suas similaridades enquanto complexos religiosos católicos.

No capítulo IV será efetuada a apresentação do meu projeto de arquitetura religiosa, onde se inserem os subcapítulos da conceção da igreja, das capelas mortuárias e o centro paroquial. No subcapítulo da igreja, será abordada a conceção de vários objetos litúrgicos que foram considerados os mais relevantes entre os demais.

Por último, no capítulo V, serão abordadas as considerações finais, onde será aclarado se os objetivos propostos foram alcançados, bem como, o que se depreende com o estudo deste tema.

Capítulo II

2.1 Evolução da Arquitetura Religiosa em Portugal nos séculos XX e XXI

Na maioria das igrejas projetadas ou realizadas nos inícios do século XX, podemos constatar que existe um certo conflito entre a ideia do "moderno" e os conceitos base do espaço religioso, pois se por um lado existia uma grande predominância de plantas longitudinais com a forma de cruz latina, começamos também a assistir a uma inserção de plantas mais complexas, com formas centradas ou assimétricas e poliedros facetados, formas próprias do modernismo.

A arquitetura religiosa moderna em Portugal, principalmente a realizada na área metropolitana de Lisboa despertou o interesse a diversos arquitetos e artistas, nomeadamente Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas, entre outros, sendo estes dois arquitetos, junto com outros arquitetos, artistas plásticos e teólogos, os fundadores do MRAR. Um dos principais objetivos deste movimento progressista era a renovação da arquitetura religiosa, adequada aos novos tempos mas sem perder a sua intrínseca relação com a doutrina cristã.[1]

É possível considerar que a arquitetura religiosa em Portugal, neste período, passou por quatro momentos fundamentais, num primeiro momento podemos assistir a uma espécie de prolongamento do Ecletismo Oitocentista e de experimentação da arquitetura moderna, com alguns casos mais tradicionalistas como outros mais inovadores. Num segundo momento, que pode ser compreendido entre os anos de 1950-1965, onde assistimos a um tempo de propostas renovadoras ou até de génese da nova arquitetura religiosa, mas que se encontrava em claro conflito com a persistência dos movimentos neotradicionalistas. Um terceiro momento que pode ser datado entre os anos de 1965-1975, onde existe uma clara consolidação e divulgação destas novas propostas modernistas. Por último, um tempo que podemos designar como o de maior diversidade de linguagens, como também de dúvida sobre os caminhos a tomar, se deveriam de ser mais expressivos ou não.

[1] Fernandes, José Manuel. "*Igrejas do Século XX – Arquiteturas na Região de Lisboa*". Portugal, Editora Caleidoscópio, 2014.

Podemos observar que o fenómeno da arquitetura romântica e revivalista, assenta em uma base historicista e de uma tendência, um tanto ou quanto, eclética permaneceu quase como um prolongamento da arquitetura religiosa do século XIX, que se manteve no primeiro quartel do século XX. Por esse motivo podemos constatar que a maioria dos edifícios religiosos projetados neste período procuram reproduzir os estilos e formas do passado, com uma grande predominância para os estilos arquitetónicos neogóticos e neorromânticos, como se pode também verificar um pouco por toda a Europa. [2]

A falta de inovação na arquitetura religiosa em Portugal, dá-se em grande parte, devido ao facto de na época industrial e liberal de Oitocentos ter existido uma crise de aceitação institucional da Igreja Católica pelas novas estruturas governamentais como também por parte da sociedade civil, aquando da implantação da I Republica Portuguesa, no ano de 1910, que se declara abertamente anticlerical.

Após um período de turbulência religiosa em Portugal, podemos considerar que as aparições de Fátima, ocorridas a 13 de Maio de 1917 tiveram um elevado valor no panorama Sagrado, principalmente ao nível de toda a sociedade civil, que constituiu um fenómeno central, como também nuclear e gerador de uma nova arquitetura religiosa em Portugal. Todavia, é possível considerar, que este foi um dos principais impulsionadores para a produção em larga escala de novas obras de cariz religioso, quer tradicionalistas como também modernistas. Contudo, é possível atentar que este tema, devido ao seu elevado simbolismo, desencadeou quase como um suporte temático para a edificação de novos templos católicos, assim como, para a renovação de templos religiosos pré-existentes nas duas principais cidades do país, Lisboa e Porto, sendo que muitas destas novas construções e renovações ocorreram sobre a alçada do movimento modernista português.

Posteriormente, no ano de 1940, podemos constatar que existiu em certo retrocesso ou regresso a modelos mais tradicionalistas da arquitetura religiosa portuguesa, sendo uma reação mais conservadora da cultura euro-ocidental que estava numa evolução político-social que convergiu na II Guerra Mundial.[3]

Num cenário pós-guerra, nos anos de 1940 e 1950 pode-se assistir a uma fase tardia e reacionária da arquitetura religiosa em Portugal, num país envolto numa ditadura política e que gradualmente se vai isolando do restante mundo. Sendo de realçar que na área de

[2] Richter, Klemens. "*Espaços de igrejas e imagens de Igreja – O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva.*". Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1998.
[3] Fernandes, José Manuel. "*Igrejas do Século XX – Arquiteturas na Região de Lisboa*". Portugal, Editora Caleidoscópio, 2014.

Lisboa foi onde se verificou uma certa persistência nos modelos mais tradicionalistas. No início da década de cinquenta podemos assistir aos primeiros sinais de mudança no panorama da arte religiosa, onde é possível realçar alguns fatores que contribuíram para esta renovação, tais como, uma nova compreensão do papel social da Igreja, onde existiu uma consolidação do conceito de comunidade social, com um teor mais igualitário como também socializante. A inserção ativa da Igreja em novas áreas urbanas, com a criação de novas paróquias em novos centros urbanos, contribuiu para a edificação de novos complexos religiosos, bem como, para a implantação de novos e renovados conceitos litúrgicos, que solicitavam novos tipos de espaços e/ou tipologias espaciais diferenciadas, bem como, o favorecimento à inovação com novos materiais e técnicas construtivas.

Neste panorama surge a participação de toda uma nova geração de arquitetos e artistas plásticos que deu origem ao MRAR.[4]. Sendo um grupo inovador e que pretendia ser a resposta a uma proposta global e mais abrangente da arquitetura religiosa portuguesa. Tornar-se-iam assim no movimento mais vanguardista e modernista no panorama da arquitetura religiosa nacional, em que os seus jovens fundadores combatiam por uma causa, que em outras áreas sociais e culturais encontrava a mesma resistência. Deste modo, foi possível afirmar e consolidar uma nova arquitetura religiosa em Portugal nos anos de 1950 e 1960, que ajudou a modernizar outras áreas sociais e culturais, onde os processos de transformação eram mais difíceis de executar, devido em grande parte ao regime político implementado em Portugal. Sendo de realçar que algumas das obras mais vanguardistas e modernistas datadas desta época podem ser encontradas em locais mais remotos e com características conceptuais mais humildes, longe da repressão que era infligida pelo Estado Novo.

Estas novas propostas de arquitetura religiosa podem ser caracterizadas referindo vários aspetos que são convergentes ou complementares entre si, tais como, uma nova geração de arquitetos que assumiam uma atitude aberta, despojada e descomplexada em relação as novas técnicas e materiais construtivos, como é o caso do betão, ferro e vidro. Fundamentavam uma grande parte da sua pesquisa nos melhores modelos e tipologias da arquitetura moderna internacional, quer no antes como no pós II Guerra Mundial, sem discriminar se esses modelos sagrados eram de origem católica ou protestante. Também, assumiam em concordância com as diretrizes renovadoras da igreja, uma nova e mais pura espiritualidade, associando diferentes e inovadoras conceções dos espaços sacros,

[4] Cunha, João Alves. "*MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa, Os Anos de Ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no século XX*" Universidade Católica Editora, 2015

como as igrejas poligonais, estruturas assimétricas, formas orgânicas inspiradas na natureza e geometrias mais simples e puristas.[5]

No entanto, também podemos destacar alguns fatores que contribuíram de forma negativa para o desenvolvimento deste movimento progressista, nomeadamente, as reiteradas dificuldades financeiras no financiamento destas novas obras religiosas, que conduziam a uma lentidão em todo o processo de execução das obras, com algumas construções a prolongarem-se por várias décadas entre a fase de estudo e de edificação, aspeto que pode ter prejudicado a longo prazo o efeito e a eficácia deste movimento de modernização. Contudo, a década de 1960 pode ser caracterizada como um tempo de consagração da arquitetura religiosa moderna um pouco por todo o país.[6]

Estas obras tiveram em comum uma procura pela expressão da modernidade, quer ao nível dos materiais aplicados como o betão aparente, grandes panos brancos de parede, como também a inclusão de obras de arte plásticas modernas, quer ao nível da espacialidade interna dos espaços, bem como, na articulação com o espaço urbano em seu redor.

A nível internacional podemos considerar que a arquitetura religiosa produzida no pós-guerra teve um grande impacto nos arquitetos portugueses, sendo que algumas destas obras foram de uma inovação sem igual, como é o caso da igreja de Ronchamp e o convento de La Tourette de autoria de Le Corbusier e a igreja de Vuoksenniska de Alvar Alto entre outras.

Estas obras eram de um modo geral do conhecimento dos arquitetos portugueses, mas havia um caso específico português que procurava alcançar este tipo de despojamento, que era o movimento de renovação da arte religiosa.

Podemos considerar que foi devido a esta ampla informação, que resultava de uma atitude aberta em que eram aceites as influências renovadoras destes modelos de arquitetura religiosa internacional que existiu um grande avanço na prática destes novos modelos modernos. Aliando as necessidades sociais e culturais com a concretização de vários temas e aspetos, tais como, a edificação de novas capelas provisorias, novas igrejas paroquiais com um programa próprio, a associação de novas igrejas em novos bairros sociais onde era integrada a prática do urbanismo, projetos tipo desenvolvidos e estruturados a partir de um programa base definidos e de âmbito geral, o reconhecimento

[5] Favrod, Charles-Henri. "*Os Cristãos: Igreja, Instituições, Personalidades, Movimentos, Ecumenismo, Perspetivas.*". Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1977

[6] Cunha, João Alves. "*MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa, Os Anos de Ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no século XX*" Universidade Católica Editora, 2015

da importância da arte plástica na arquitetura religiosa moderna. Por último, a criação de concursos públicos para a elaboração de projetos do qual advieram igrejas como a do Sagrado Coração de Jesus em Lisboa.

No final do século XX, mais concretamente entre os anos de 1975 a 2000, assistimos a uma acentuação de novas tendências diversificadoras, um tanto ou quanto, contraditórias da linguagem da arquitetura religiosa moderna. Este foi um fenómeno que pode ser verificado um pouco por todo o país. Por um lado estas novas igrejas e espaços religiosos contavam cada vez mais com uma maior pluralidade de vertentes funcionais, para atender a projetos sociais mais amplos e enquadramentos urbanos mais complexos, como é o caso da igreja de Santa Maria, no Marco de Canaveses projetada por Siza Vieira.

Não podemos deixar de referir que nos finais das décadas de 1970 e inícios de 1980 existiu de um modo global uma certa crise na crença nos valores modernistas e o consequente surgimento da arquitetura pós-moderna. Esta nova atitude ia ao encontro de uma visão já desgastada e repetitiva da temática e dos princípios internacionais do modernismo, onde as culturas locais, a história, e as tipologias urbanas eram a principal fonte de inspiração.

Na transição do século XX para o século XXI, podemos constatar que existiu uma certa evolução resultante de sucessivas crises e polémicas, mas avançando sempre pela via da afirmação de novas ideias e renovadas crenças, e aceitando diversas e transformadoras linguagens arquitetónicas.[7] A arquitetura religiosa em Portugal, neste último século, atingiu um considerável significado cultural e de grande destaque a nível internacional.

Em suma, este processo desenvolveu-se em Portugal com as características acima referidas, onde apesar das inúmeras dificuldades e do atribulado percurso histórico do país, existindo ao longo destes mais de 100 anos analisados, obras que constituem uma referência para a arquitetura religiosa portuguesa.

[7] Fernandes, José Manuel. "*Igrejas do Século XX – Arquiteturas na Região de Lisboa*". Portugal, Editora Caleidoscópio, 2014.

2.1.1 A importância do MRAR

Passados tantos anos após o surgimento do MRAR, podemos quase que afirmar, que este movimento teve um papel decisivo no processo de afirmação e de consolidação da arquitetura religiosa moderna em Portugal. Tendo sido constituído no ano de 1952 em Lisboa, uma área geográfica em que era particularmente ativo, teve a participação de vários arquitetos, artistas, intelectuais e teólogos, sendo possível destacar alguns nomes da arquitetura portuguesa, tais como, Luís Cunha, João de Almeida, Nuno Portas, Madalena Cabral, Jorge Vieira e Nuno Teotónio Pereira, sendo de realçar a ação longa e coerente, tanto na militância como nas obras arquitetónicas exemplares.

Como realçado em algumas obras literárias, o MRAR desenvolveu uma intensa atividade, principalmente, em Lisboa, onde se foi gradualmente distanciado do regime político da época. Sendo que os seus membros além de profissionais das artes em geral eram crentes num catolicismo que desejavam ver renovado de acordo com as mais justas e atuais doutrinas produzidas pelo Concílio Vaticano II.

Sendo possível afirmar que o MRAR foi um dos maiores, se não mesmo o maior, impulsionador dos ideais desenvolvidos aquando do primeiro congresso litúrgico português que decorreu em Vila Real no ano de 1926.

"*A designação de «movimento» expressa bem o desígnio dos seus fundadores: preparar e estruturar a mudança, criando bases para uma renovação coerente e bem fundamentada da arquitetura e da arte sacras.*"[8]. Esta citação foi retirada do livro MRAR – os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX, revela de forma sucinta quais eram as intenções com a fundação deste movimento religioso.

Figura 1

Imagem de Campanha MRAR

[8] Cunha, João Alves. "*MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa, Os Anos de Ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no século XX*" Universidade Católica Editora, 2015

2.2 A Igreja

Como referido no livro de Klemens Richter,[9] na execução de um espaço religioso exige-se que para além das celebrações eucarísticas dominicais, sejam tidas em consideração todas as outras celebrações especiais, ao longo de todo o ano litúrgico, como celebrações sacramentais e devoções diversas.

Sendo que nos dias hoje é necessário um espaço policêntrico, que congregue e oriente todas as exigências para o centro do altar, que deve ser o local central da nossa fé como sinal da presença de Cristo.

No que se refere à conceção de espaços sagrados e de objetos para o culto divino, como referido em algumas publicações eclesiásticas, estes devem ser dignos e belos como se fossem referências a símbolos e realidades celestiais. "*Ainda antes que se contruíssem igrejas já existia a Igreja. Esta constatação põe a claro que o edifício sacro cristão não pertence à essência íntima do cristianismo. De facto, a Igreja como povo de Deus, como comunidade dos convocados por deus, pôde viver cerca de dois séculos sem ter à disposição locais de culto próprio*"[10].

Relativamente, à posição da igreja podemos referir de acordo com algumas publicações eclesiásticas, a posição do orador para Oriente distingue desde o século III os Cristãos dos Judeus, pois os judeus orientam as suas orações para as sinagogas em Jerusalém, enquanto que os cristãos orientam as suas orações para Oriente sendo considerada uma profissão de fé e uma alusão ao regresso de Cristo que é esperado dessa orientação.[11]. Existindo inúmeras igrejas que cumprem esta orientação podemos encontrar exemplos de igrejas e templos Cristãos, quer em Roma, como também, em Jerusalém que não obedecem a esta orientação mesmo que se localizem no eixo Nascente/Poente.

[9] Richter, Klemens. "*Espaços de igrejas e imagens de Igreja – O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva.*". Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1998.
[10] Adam, Adolfe. "*O Ano Litúrgico – Sua História e o seu Significado segundo a Renovação Litúrgica.*" Edições Loyola, 2019.
[11] II Concilium Vaticanum, "*Sacrosantum concilium*" Vol. 42

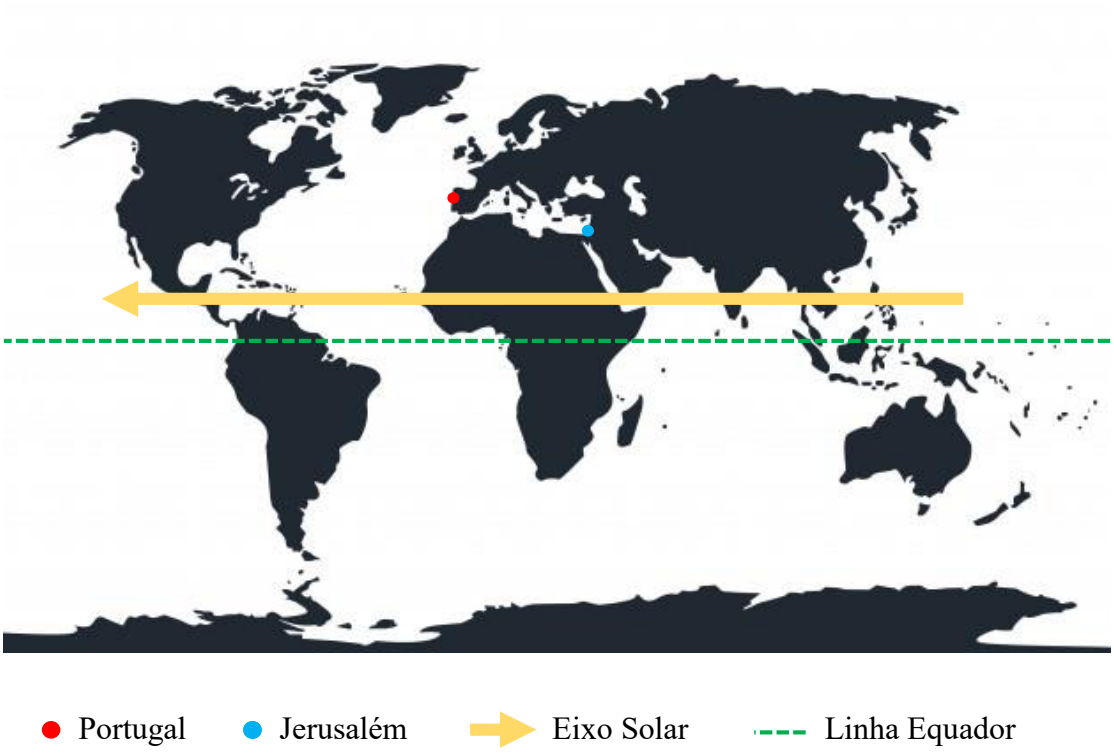

Figura 2

Mapa-Mundo

Como verificado na imagem superior, mapa-mundo, é possível constatar que existe a possibilidade de que todas as igrejas católicas sejam orientadas a oriente.

Porém a orientação das igrejas a oriente, torna-se uma tarefa deveras difícil devido em grande parte ao desenvolvimento urbano, fruto da evolução das cidades e dos grandes centros urbanos, desde a antiguidade até à atualidade.

Todavia, importa referir que de acordo com as novas doutrinas advindas do Concílio Vaticano II não existe uma obrigatoriedade na implantação das igrejas neste eixo geográfico. Contudo, mantem-se presente o simbolismo aplicado na orientação do altar cristão para oriente, sendo uma alusão ao regresso de Cristo.

2.2.1 As Formas e as Tipologias

Pode-se considerar que nos inícios do século XX a forma da igreja assume características destintas dos séculos passados. Em oposição à basílica disposta longitudinalmente, os espaços centralizados, como os hexagonais, octogonais ou na forma de cruz grega com ambos os braços da mesma largura, formam um ideal de um círculo com um ponto central coberto por uma cúpula.

Os modelos centralizados são os mais prediletos pois permitem que toda a assembleia se veja olhos nos olhos, em oposição, às igrejas corredor que impedem esta interação entre os fiéis.

Todavia, é possível considerar que na maioria das igrejas construídas em Portugal em meados do século XX, estas assumem formas, um tanto ou quanto, opostas com os modelos mais clássicos, existindo assim, uma clara distinção entre a arquitetura religiosa do século XX e XXI, com os séculos anteriores. Sendo de realçar, a importância que o MRAR teve nesta clara distinção, pois como será verificado nas páginas seguintes, através da apresentação de várias obras organizadas de forma cronológica para demonstrar a evolução das formas e das tipologias das igrejas portuguesas. Os arquitetos pertencentes ao MRAR tinham uma certa predileção pelas plantas poligonais, existindo assim, na minha opinião, uma clara distinção nas formas e nas tipologias das igrejas do século XX. Contudo, neste primeiro quartel século XXI, pode-se considerar existir uma nova renovação da arquitetura religiosa, onde os edifícios assumem uma maior simplicidade nas formas, bem como, nas tipologias das igrejas, existindo um certo minimalismo na organização das plantas arquitetónicas, dos materiais aplicados e na decoração dos espaços interiores. No entanto, a possível existência de um novo estilo arquitetónico religioso, só poderá ser realmente comprovada através de um levantamento de todos os edifícios religiosos existentes em Portugal.

Figura 3

Exemplo de Igreja do século XX

Figura 4

Exemplo de Igreja do século XXI

Igreja de Santo António, Moscavide

A Igreja de Santo António está localizada em Lisboa, na localidade de Moscavide, é uma obra da autoria dos arquitetos João de Almeida e A. Freitas Leal. A sua construção decorreu entre os anos de 1953 e 1956.

Ao nível da forma da igreja é possível constatar que a planta reflete a forma geométrica da igreja, ou seja, a forma geométrica do quadrado. Todavia foi possível verificar que esta foi das primeiras igrejas contemporâneas portuguesas a ser aplicada a planta em forma de cruz.

Figura 5
Foto do Exterior

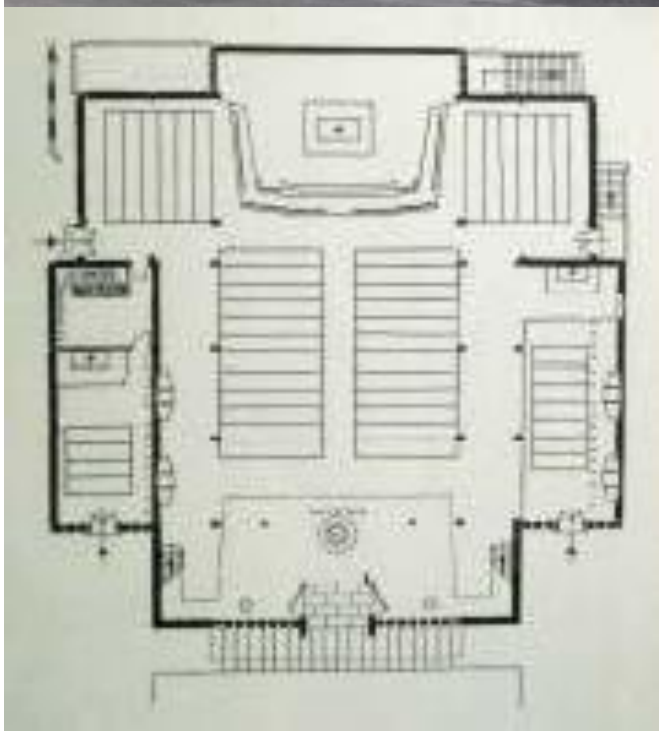

Figura 6
Planta da Igreja

Igreja de Nossa Senhora de Fátima, Picote

A Capela de Nossa Senhora de Fátima, esta localizada em Bragança, na localidade de Picote, é uma obra da autoria do arquiteto Manuel N. Almeida. A sua construção decorreu entre os anos de 1956 e 1958.

Ao nível da forma da igreja é possível constatar que a mesma assume uma forma geométrica regular, ou seja, um retângulo, na tipologia aplicada na planta da igreja a mesma assume uma tipologia de nave única.

Figura 7

Foto do Exterior

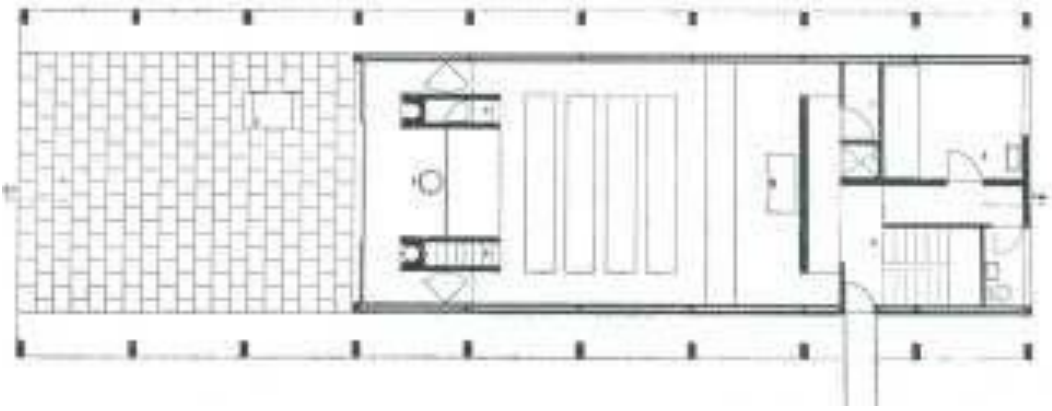

Figura 8

Planta da Igreja

Igreja do Instituto Nun`Álvares, Santo Tirso

A Capela do Instituto Nun`Álvares está localizada no distrito do Porto, mais concretamente no concelho de Santo Tirso. Esta obra é da autoria do arquiteto Fernando Távora. A sua construção ocorreu entre os anos de 1963 e 1965.

Ao nível da forma da igreja é possível constatar que a mesma assume a forma da planta, eu seja, um polígono quase hexagonal ou octogonal.

Figura 9
Foto do Exterior

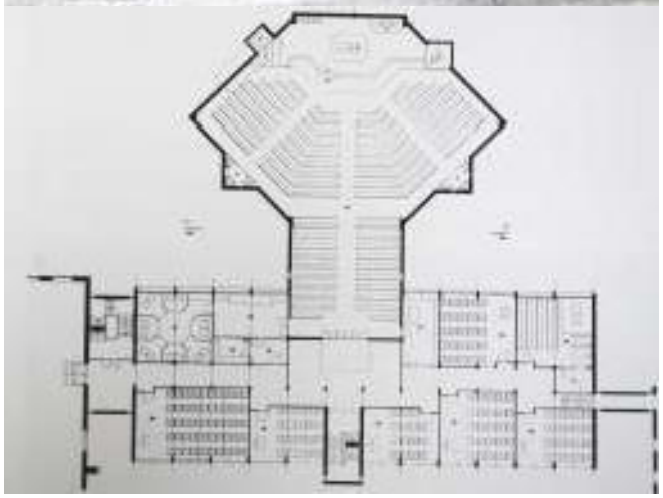

Figura 10
Planta da Igreja

Igreja de Nossa Senhora de Fátima, Aveiro

A Igreja de Nossa Senhora de Fátima, esta localizada no distrito de Aveiro, mais propriamente na localidade de Póvoa do Valado. Esta obra é da autoria do arquiteto Luiz Cunha. A sua construção decorreu entre os anos de 1964 e 1968.

Ao nível da forma da igreja é possível constatar que a mesma assume a forma de um poliedro, mas com algumas características da arquitetura vernacular portuguesa, nomeadamente, ao nível das coberturas e da materialidade aplicada na igreja. Ao nível da tipologia aplicada na planta da igreja esta assume uma tipologia poligonal.

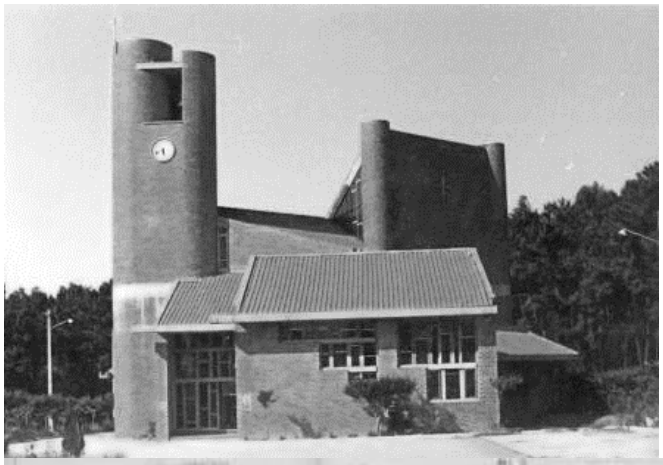

Figura 11

Foto do Exterior

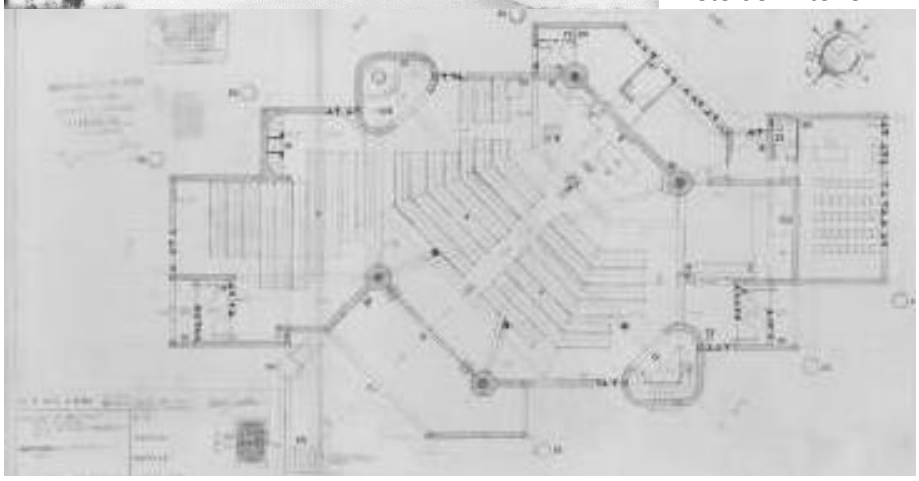

Figura 12

Planta da Igreja

Igreja da Sagrada Família, Paços de Arcos

A Igreja da Sagrada Família está localizada no distrito de Lisboa, na localidade de Paços de Arcos, é uma obra da autoria do arquiteto João de Almeida. A sua construção ocorreu entre os anos de 1964 e 1969.

Ao nível da forma da igreja é possível constatar que a mesma surge através de uma junção de vários volumes geométricos que seguem as linhas orientadoras da tipologia poligonal aplicada em planta.

Figura 13
Foto do Exterior

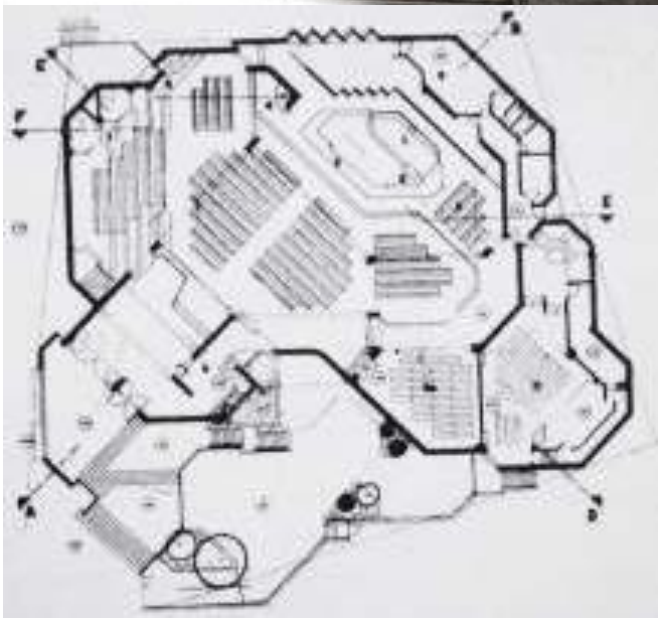

Figura 14
Planta da Igreja

Igreja de São Martinho da Cedofeita, Porto

A Igreja de São Martinho da Cedofeita, sendo neste momento referenciada como a Igreja Paroquial de São Martinho da Cedofeita, está localizada no distrito do Porto, na localidade de Cedofeita, é uma obra da autoria do arquiteto Eugénio Alves de Sousa. A sua construção ficou concluída no ano de 1979.

Ao nível da forma da igreja esta assume uma forma de um polígono quadrilátero, sendo de realçar que a planta assume quase as mesmas características, podendo ser considerada um polígono orgânico.

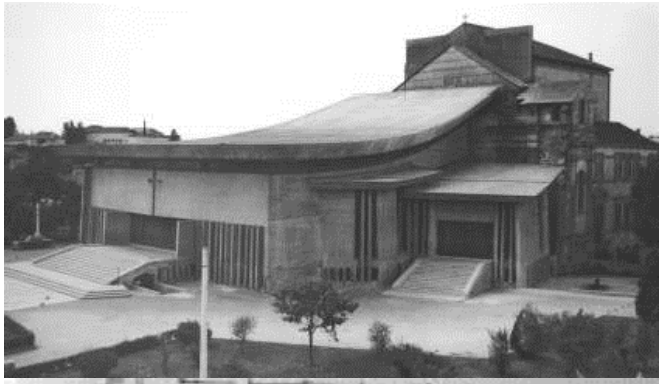

Figura 15
Foto do Exterior

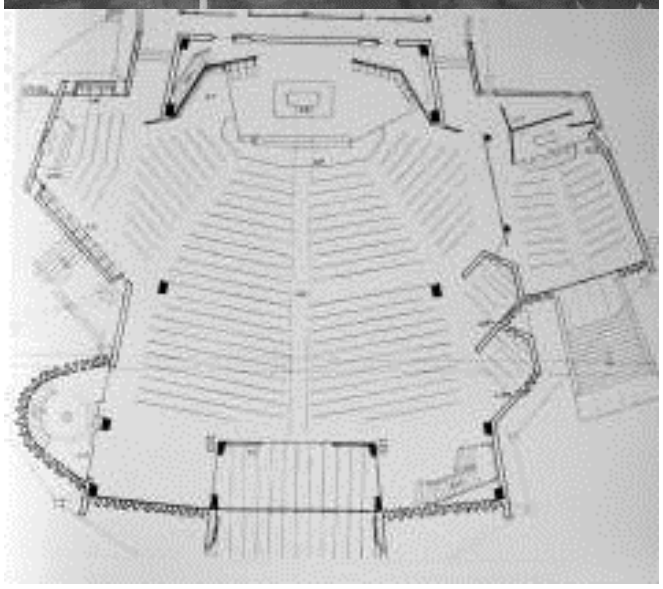

Figura 16
Planta da Igreja

Igreja e Complexo da Senhora da Boa Nova, Estoril

A Igreja e Complexo da Senhora da Boa Nova estão localizados em Lisboa, na localidade do Estoril, é uma obra da autoria dos arquitetos Filipa Roseta Vaz Monteiro e Francisco Vaz Monteiro. A sua construção ficou concluída no ano de 2010.

Ao nível da forma da igreja a mesma assume uma forma de um losango orgânico, sendo de realçar que o restante complexo religioso resulta de um aglomerado de edifícios com volumetrias ortogonais. Na planta da igreja é possível constatar que a mesma tem uma tipologia oval de nave única.

Figura 17
Foto do Exterior

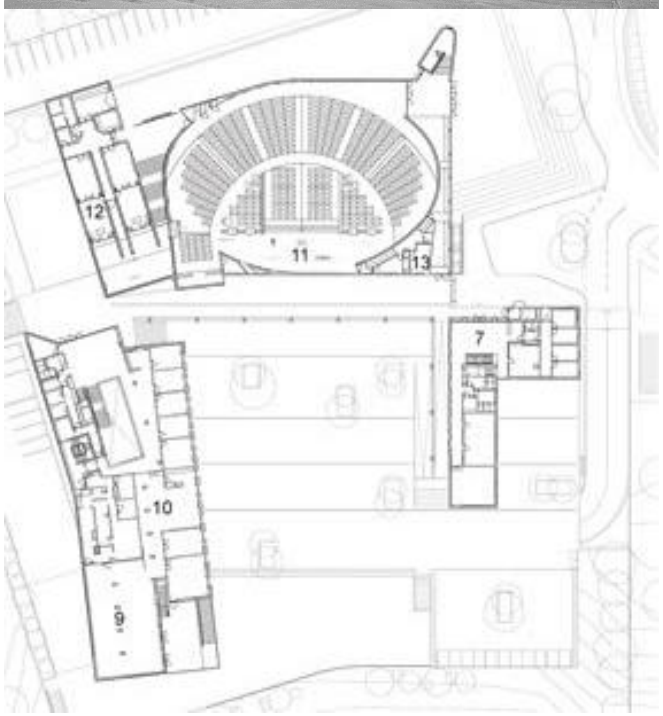

Figura 18
Planta da Igreja

Igreja de São Tiago, Vila Nova de Famalicão

A Igreja de São Tiago está localizada em Braga, mais concretamente em Vila Nova de Famalicão, é uma obra de autoria do arquiteto Hugo Correia. A sua construção ficou concluída no ano de 2016.

Ao nível da forma da igreja a mesma assume uma forma elíptica refletindo a forma tipológica da planta, que se apresenta com uma tipologia oval de três naves.

Figura 19
Foto do Exterior

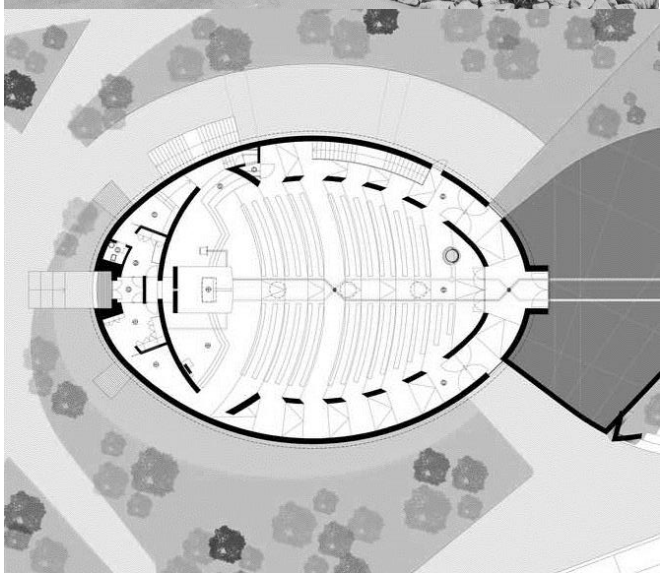

Figura 20
Planta da Igreja

Igreja de Lagares, Felgueiras

A Igreja de Lagares está localizada no distrito do Porto, na localidade de Felgueiras, é uma obra da autoria dos arquitetos Ana Loureiro e Fernando Coelho. A sua construção ficou concluída no ano de 2019.

Ao nível da forma da igreja a mesma assume uma forma de um poliedro que nos remete para a forma orgânica de um peixe, a planta assume uma tipologia de nave única.

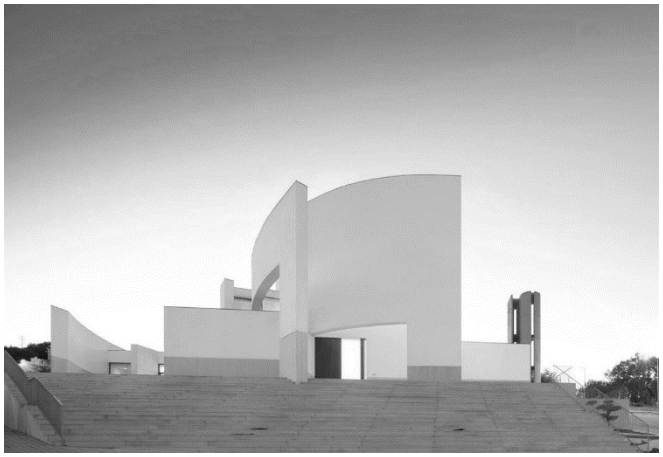

Figura 21
Foto do Exterior

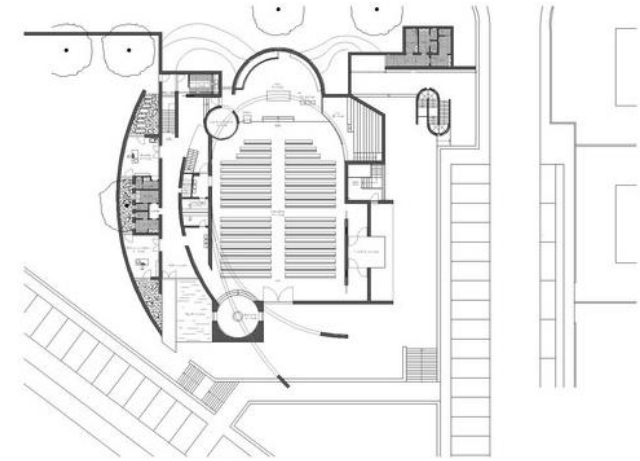

Figura 22
Planta da Igreja

Igreja do Divino Salvador, Passos de Ferreira

A Igreja do Divino Salvador está localizada no distrito do Porto, na localidade de Felgueiras, é uma obra da autoria dos arquitetos Vítor Leal Barros. A sua construção ficou finalizada no ano de 2019.

Ao nível da forma da igreja a mesma assume uma forma geométrica regular, ou seja, um quadrado, que reflete a tipologia aplicada em planta, que é de nave única.

Figura 23
Foto do Exterior

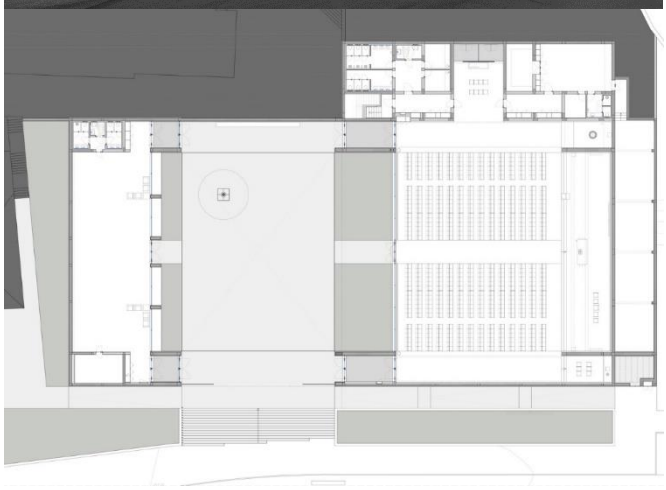

Figura 24
Planta da Igreja

2.3 A Capela Mortuária

A relação do Homem com a morte sempre foi experienciada de diferentes formas pelas diferentes religiões, embora o ponto comum seja o mesmo, a morte, a mesma assume diversas formas de ser vivida pelas mais variadas religiões e crenças. Sendo de realçar que mesmo na mesma religião a forma como a morte é encarada vai mudando ao longo dos séculos.

Em certa parte, podemos considerar que a relação do Homem moderno com a morte mantém os mesmos conflitos sociais que teve outrora. Alguns estudos como os realizados no âmbito da relação do Homem com a morte, nomeadamente, os estudos de Philippe Ariès, como *O homem diante da morte* é efetuada uma longa perspetiva das relações do Homem ocidental face ao paradigma da morte. Um dos exemplos que podemos destacar desta publicação, é a "*Morte Romântica*"[12] aonde é descrita a relação do Homem do século XIX com a morte, onde a ideia da morte passou a ser vista como um momento de encontro e reunião com os familiares já falecidos, tornado o momento da morte um pouco mais apaziguador.

Outros exemplos que podemos realçar destes estudos são a "*Morte Domesticada*"[13] onde o morto é preparado e acompanhado por familiares e amigos, e a "*Morte Selvagem*"[14] onde o morto morre desacompanhado e isolado da família, sendo este último, um modelo que considero a antítese de uma sociedade moderna.

Podemos considerar, que no interior do país como também um pouco por toda a Europa mais rural o modelo de "*Morte Domesticada*" é o mais usual. Sendo que o modelo de "*Morte Partilhada*", onde o morto é preparado para depois ser presente à família e amigos tem algumas dificuldades de implantação no meio da sociedade.

Em Portugal, como no resto da Europa, é possível constatar que na antiguidade existiu uma elevada prática de os enterros mais simbólicos serem praticados nas igrejas, após os últimos sacramentos. Em Portugal no século XIX, mais concretamente no ano de 1835, passou a vigorar uma lei que proibia os enterros nas igrejas por questões sanitárias. Por esse motivo, podemos verificar que em meados do século XIX e mais concretamente no

[12] Ariès, Philippe. "*O homem diante da morte*". São Paulo, Editora Unesp, 2015.
[13] Ariès, Philippe. "*O homem diante da morte*". São Paulo, Editora Unesp, 2015.
[14] Ariès, Philippe. "*O homem diante da morte*". São Paulo, Editora Unesp, 2015.

início do século XX existiu um aumento exponencial de equipamentos religiosos com funções fúnebres, como cemitérios e capelas mortuárias e como referido por Maura Petruski, "*Assim, aos poucos, o espaço dos mortos foi se enquadrando…*"[15].

A introdução dos agentes funerários em Portugal, na segunda metade do século XIX, mais concretamente a partir de 1860, surgiu de forma gradual um pouco por todo o país.

Em Portugal podemos observar que os rituais funerários exprimem duas realidades que podem ser consideradas antagónicas, uma com comportamentos um pouco arcaizantes, e uma outra em que os princípios de modernidade se impõem e a morte passa a ser um assunto que é tratado pelos serviços fúnebres. No norte do país a integração do morto na comunidade e na família retrata em muitos locais práticas mais rurais, em que a capela mortuária tem algumas dificuldades de implantação no meio da sociedade.

Na atualidade, em Portugal, a agência funerária é uma instituição comum quer nas cidades como nas aldeias, mas em locais mais rurais, que como referido anteriormente, teve uma grande dificuldade de implantação, onde até há pouco tempo era a família que tratava do velório e do funeral. Nas cidades a morte ocorre maioritariamente em contexto hospitalar, onde o agente funerário segue as políticas hospitalares, e posteriormente, encaminha o morto até à capela mortuária e consequentemente para o cemitério, sendo de realçar que em alguns casos o velório realiza-se na capela mortuária e o funeral na igreja.

A morte em Portugal insere-se no modelo clássico do mundo ocidental, onde sobretudo entre 1930 e 1950 se acentuou a tendência de enviar o morto para o hospital para seguir todos os procedimentos fúnebres. Nos meios mais rurais como referido anteriormente o modelo de "*Morte Domesticada*" é o mais usual. Nomeadamente, em Trás-os-Montes, o modelo vigente nos dias de hoje mantém as mesmas orientações de antigamente, onde "*Uma família que, na aldeia, mande o seu morto para fora de casa será severamente criticada por todos por não ter cumprido os últimos deveres para com o defunto.*"[16]. Assim sendo, o ritual repartido entre a família, o padre e a comunidade a que pertencia o morto, mantendo assim rituais antigos apesar da existência de modelos mais modernos. Em todo o caso podemos constatar a existência de algumas capelas mortuárias, mesmo nas áreas mais rurais do país, mas raramente são utilizadas pela comunidade.

---

[15] Petruski, Maura. "*A cidade dos mortos no mundo dos vivos – os cemitérios*". Brasil, Revista de Historia Regional, 2006.

[16] Saraiva, Clara. "*Antropologia Portuguesa - Rituais funerários dos dois lados do Atlântico*". Coimbra, Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra, 1994.

Todavia, nas cidades mais desenvolvidas podemos "*verificar que, a partir do momento em que existe uma capela mortuária todos passam a usá-la e é mesmo um fator de prestígio o morto não ficar em casa.*"[17]. Existindo assim uma dualidade entre estes dois modelos a "*Morte Domesticada*" e a "*Morte Partilhada*", mas que acentuam, em ambos os casos, num estreito relacionamento entre o morto, a família e a comunidade. Em todo o caso, podemos considerar que o aparecimento das capelas mortuárias no território nacional, contribuiu para o surgimento de novos edifícios para albergar este tipo de programa. Esta visão encontra-se intrinsecamente racionada com a evolução das mentalidades e da sociedade civil, sendo possível, ter uma perspetiva do estado da etnografia da morte em Portugal com os elementos acima referenciados.

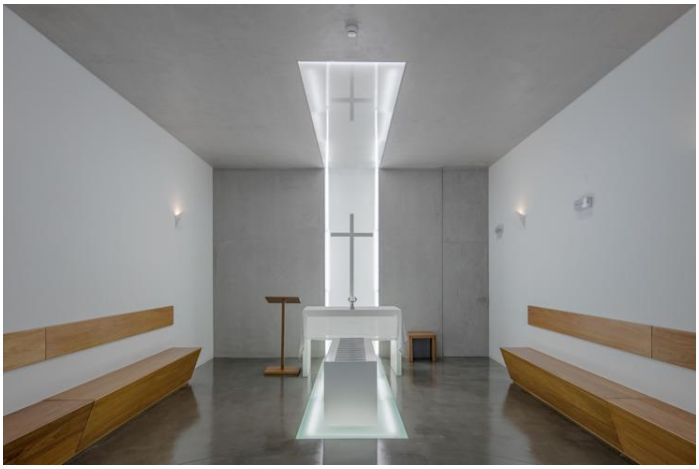

Figura 25
Exemplo de Capela Mortuária

Figura 26
Exemplo de Capela Mortuária

[17] Saraiva, Clara. "*Antropologia Portuguesa - Rituais funerários dos dois lados do Atlântico*". Coimbra, Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra, 1994.

2.4 O Centro Paroquial

O surgimento do centro paroquial moderno como pode ser conhecido na atualidade ocorre, na sua maioria, após a conclusão do Concílio Vaticano II, pois como verificado em algumas publicações, existia uma necessidade de a Igreja ficar mais perto dos crentes, desenvolvendo ações de cariz social. Sendo este, um dos principais motivos para que no início do século XX tenha sido possível assistir à edificação de novos edifícios com programas mais abrangentes de cariz religioso/social, como os centros paroquiais.[18]

Se analisarmos o significado da palavra paróquia podemos encontrar três definições, em que todas elas têm como centro nuclear a religião cristã, mas com diferentes particularidades. A primeira, historicamente refere-se a um centro religioso cristão, tendo um templo e um território próprio; a segunda, ao nível do código do direito canónico, referência que trata de uma divisão territorial, em toda a comunidade e os bens estão confiados a um sacerdote, que por sua vez, está sobre a dependência de um bispo; por último, religiosamente, a palavra paróquia, pode ser como uma comunidade de fiéis que é confiada a um pároco, que presta serviços a um conjunto de paroquianos.

Ao nível do significado etimológico, a palavra paróquia tem a sua origem na palavra *pároikos*, que significa aquele que vive junto da casa, os vizinhos, sendo *paroikía* uma comunidade de vizinhos.

Relativamente à evolução da paróquia é possível constatar a existência de vários fatores que levaram ao seu desenvolvimento. Nos primeiros séculos da nossa era, a maioria das comunidades cristãs eram dirigidas e orientadas por um sacerdote, sem um território definido mas com o crescimento exponencial do número de cristãos a partir do século IV, em Roma, mais concretamente na Basílica de Latrão, começa a tornar-se insuficiente para acolher a totalidade dos fiéis nas celebrações litúrgicas. Paralelamente, a este facto, o Império Romano, dirigido pelo Imperador Constantino decide tornar a religião cristã a principal religião do império, fazendo assim, com que no século IV, em cidades como, Roma, Alexandria e Constantinopla tenha existido um crescimento exponencial de edifícios de cariz religioso.[19]

---

[18] II Concilium Vaticanum, "*Sacrosantum concilium*" Vol. 42

[19] Abreu, Adélio. "*A paróquia na história*". Porto, Universidade Católica Portuguesa, CEHR, 2018.

No século V, quando se dá o apogeu da primeira ruralização do cristianismo, com a chegada do cristianismo às *villae*, que eram as áreas mais rurais do Império Romano, começam a surgir os centros de culto rurais, que eram confiados a um sacerdote. Nos séculos V e VII a Europa é envolta numa série de ocupações por povos pagãos e germânicos, que gradualmente se convertem ao cristianismo, paralelamente, estes novos povos bárbaros que ocupavam progressivamente as terras abandonadas ou despojadas, mantinham os mesmos costumes religiosos vigentes, quer por uma questão social, quer por manter o património religioso já edificado e em utilização por parte da comunidade.

Por esse motivo é possível considerar, que a paróquia foi adquirindo valências mais territoriais através das funções sagradas que assegurava à comunidade. Neste sentido, como referido por Adélio Abreu, "*...a paróquia tornou-se o espaço de cristianização daqueles que chegavam à fé por conveniência político-social e não em resultado de uma decisão pessoal maturada...*"[20]. Na segunda metade do século VI, no noroeste da Península Ibérica, sob o domínio do Reino Suevo podemos assistir a um relevante testemunho de organização paroquial, pois neste caso as paróquias terão surgido ao redor de centros urbanos, permitindo assim, abranger um maior número de fiéis como também de cobrir uma maior parcela de território. De um modo geral, nos séculos seguintes, a paróquia passou por um lento mas gradual desenvolvimento, sendo em grande parte determinado pela transformação em paróquia de igrejas de escassa relevância, assim como, pela construção de novas igrejas que resultavam das variações nas estruturas sociopolíticas.

De realçar que no século IX por iniciativa imperial, deu-se início ao fracionamento e consequentemente ao decline-o do Imperio Romano, levando assim a um processo de feudalização da Igreja, com a visível criação de novas igrejas e mosteiros. Na segunda metade do século XI a Igreja teve de lidar com uma nova crise, como a atribuição de benefícios celestiais a troco de compensações monetárias, que outrora serviu como catalisador para a criação de novas paróquias, sendo de realçar que Portugal, como território paroquial só seria delimitado posteriormente. Em contexto ibérico nas épocas de domínio islâmico e da reconquista cristã podemos verificar uma certa desorganização nos quadros civis e eclesiásticos. Todavia podemos considerar que na época da reconquista cristã a paróquia desempenhou um importante papel com a sua rede de igrejas e mosteiros.

[20] Abreu, Adélio. "*A paróquia na história*". Porto, Universidade Católica Portuguesa, CEHR, 2018.

A partir o século XI, e no seguimento da reforma religiosa gregoriana, pode-se assistir ao florescimento de várias ordens religiosas, onde a paróquia, assume novamente um papel fundamental na vida espiritual e social dos fiéis. Porém, podemos constatar que com o avançar da Idade Média foram-se desenvolvendo sucessivas crises religiosas, no entanto, a paróquia sempre foi um elemento preponderante na agregação da comunidade religiosa e civil.

Contudo, seria com o Concílio de Trento realizado no século XVI, entre os anos de 1545 e 1563, após a crise protestante que seria realçado o significado da paróquia. Todavia, nos séculos XVII e XVII, a cultura barroca vigente valorizara a paróquia pelo fausto das suas festas e pelo crescimento das suas devoções. No entanto, podemos verificar que o florescimento do racionalismo da cultura iluminista veio quase que, purificar e regular os antecedentes excessos religiosos. Sendo de evidenciar, que este despotismo iluminado favoreceu em larga escala o desenvolvimento e a criação de novas paróquias. Posteriormente, no panorama europeu aquando da Revolução Francesa e dos posteriores movimentos liberais podemos verificar que o papel das paróquias tem funções de cariz mais social do que religioso.

A Revolução Industrial teve um papel no desenvolvimento e na criação de novas paróquias, através dos fluxos migratórios para os grandes centros urbanos, era necessária criação de novos bairros urbanos e consequentemente a fixação e desenvolvimento de uma paróquia através da conceção de uma igreja ou complexo religioso.

Em Portugal, podemos constatar que o controlo exercido pelo poder político sobre a Igreja, as paróquias e a comunidade eclesiástica foi particularmente marcante, sendo de realçar a agressividade exercida sobre a Igreja e paróquias nos inícios do século XX, pela lei republicana de 1911 que determinava, entre outras diretrizes, a confiscação em benefício do estado de uma grande parte dos edifícios religiosos portugueses. Após, um período de reconciliação político-religioso, podemos verificar que os modelos de conceção paroquial tridentinos são definidos através de uma igreja própria e com uma população determinada, sendo que esta definição se manteria até à conclusão do Concílio Vaticano II.

O Concílio Vaticano II, também, teve um papel fundamental para a redefinição da paróquia, onde era valorizada tanto a igreja universal quanto a igreja particular, e é neste enquadramento que podem ser entendidas as referências conciliares à paróquia e aos seus

deveres para com a comunidade, "*…as paróquias representam, de algum modo, a Igreja visível estabelecida em todo o mundo...*"[21].

Em meados do século XX, mais concretamente no ano de 1950, foi possível assistir a uma mudança no panorama religioso, sendo possível realçar alguns fatores que contribuíram para estas alterações, como a existência de uma renovada compreensão do papel social da Igreja e a inserção ativa da Igreja em novas áreas urbanas através da criação de novas paróquias.

Aliando as necessidades sociais e culturais com a arquitetura religiosa, nomeadamente, a edificação de novas igrejas paroquiais com programas tipológicos próprios e em novos bairros sociais, onde também eram aplicados certos princípios urbanísticos definidos através de um programa tipológico base, que conseguisse congregar numa parte da paróquia todos os equipamentos e infraestruturas necessárias ao desenvolvimento da comunidade religiosa. No final do século XX, podemos assistir a uma acentuação de novas e diversas tendências, como também, uma certa contradição da linguagem da arquitetura religiosa moderna, sendo este último um fenómeno que ocorre um pouco por todo o país. Neste sentido, são de destacar bons exemplos de complexos religiosos com programas, tão abrangentes e funcionais como é o caso da Igreja de Santa Maria no Marco de Canaveses, em que o seu Centro Paroquial é usado por toda a comunidade para variados fins de cariz social e comunitário. Contudo, é razoável observar, que o desafio possa ser demasiado audacioso, mesmo com o auxílio da arte e da arquitetura, aquele a que as paróquias contemporâneas procuram responder, quer as mais antigas como as fundadas mais recentemente, já inspiradas no Concílio Vaticano II.

Figura 27

Exemplo de Centro Paroquial

[21] II Concilium Vaticanum, "*Sacrosantum concilium*" Vol. 42

Capítulo III

3.1 Obras de Referência

As obras de referência aqui descritas foram escolhidas entre as demais, por vários motivos, tais como a importância que as mesmas tiveram no panorama sociocultural português, onde se pode constatar o impacto que as mesmas tiveram e ainda têm nos dias de hoje no âmbito da arquitetura religiosa portuguesa. Neste sentido, podem ser consideradas como pontos de viragem, quer ao nível da materialidade aplicada, bem como, da espacialidade dos espaços projetados.

Assim sendo, foi possível referenciar três grandes momentos na arquitetura religiosa moderna e contemporânea em Portugal, existindo similaridades e dissemelhanças entre si, sendo o espaço público um dos maiores pontos de união entre os três projetos apresentados.

O espaço público pode ser considerado um lugar de representação da sociedade, onde tomam a palavra, manifestam-se os grupos, associações e indivíduos. Neste sentido, o contributo da Igrejas para a construção das cidades assume um papel fundamental.

À igreja é associado um lugar de destaque na malha urbana, sendo um lugar de exceção de arquitetura singular. Por esse motivo, a maioria das igrejas inseridas em espaços urbanos fazem parte do património histórico das cidades.

Todavia, podemos observar que a relação de proximidade da Igreja com o poder político e a influência exercida na sociedade permitiu que a Igreja, como instituição ao serviço da comunidade, marcasse uma presença física um pouco por toda a cidade, através da edificação de espaços de cultos próprios, como também, espaços de culto em praças e largos.

Embora, o longo processo de laicização tenha contribuído para um novo estatuto do lugar da Igreja na sociedade, é possível considerar que a Igreja soube encontrar um novo lugar na sociedade, como também, nas cidades, quer através da consolidação de uma paróquia pré-existente, numa cidade periférica ou na consolidação urbana de partes fragmentadas de cidade. Neste sentido, coube aos arquitetos a tarefa de criar esses novos espaços, que articulassem os edifícios com a cidade envolvente, de forma que, nos transportasse para uma memória antiga e historicista dos templos religiosos ancestrais.

Ao nível do espaço público, podemos considerar que o adro da igreja constitui uma peça fundamental, sendo um espaço de transição entre a rua e o edifício. Na etimologia da palavra adro podemos encontrar a palavra latina *atrium*, podendo ser definido como um lugar de acolhimento e distribuição.

O adro da igreja quando comparado com todo o complexo paroquial funciona quase como uma plataforma aglutinadora de todos os edifícios que o compõem. Sendo um espaço que é capaz de organizar hieraticamente vários volumes, como também, estabelecer uma relação com os edifícios circundantes.

Todavia, é possível encontrar adros com sistemas de comunicação abertos e permeáveis à comunidade, onde o limite intervencionado não se encontra definido, bem como, é possível encontrar sistemas de comunicação fechados, em que os limites da intervenção estão identificados, delimitando assim a articulação entre o edificado e a cidade envolvente.

Quer na igreja de Lisboa, como na igreja do Marco de Canaveses e a igreja de Portalegre, partilham de uma certa continuidade espacial do adro para com o espaço litúrgico, quer pelas portas de fole, quer através do controlo dos vãos horizontais ou pelo vão fixo de envidraçado. Contudo, é possível considerar que a igreja cristã é uma expressão arquitetónica de uma perspetiva filosófica, de construção de um bem comum, de todos e para todos.

Figura 28
Foto Igreja Sagrado Coração de Jesus, Lisboa

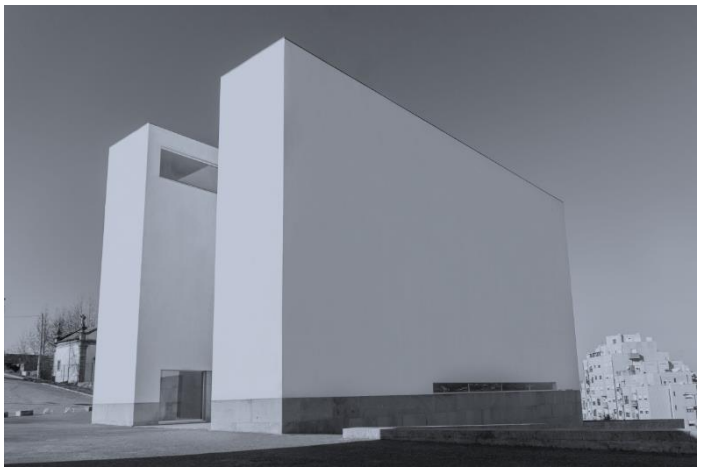

Figura 29
Foto Igreja de Santa Maria, Marco de Canaveses

Figura 30
Foto Igreja de Santo António, Portalegre

3.1.1 Igreja Sagrado Coração de Jesus

A igreja do Sagrado Coração de Jesus em Lisboa é uma obra idealizada por Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas, com uma participação muito significativa de outros arquitetos como Luís Moreira, Vítor Figueiredo, Vasco Lobo entre outros.

Esta obra foi realizada, tendo por base um projeto vencedor de um concurso no ano de 1962, para a construção de uma nova igreja paroquial em Lisboa, sendo que, o projeto desenvolvido no decorrer dos anos de 1962 a 1968 e só edificado entre os anos de 1967 e 1976. De realçar que esta obra recebeu a distinção do premio Valmor em 1970, sendo este um dos maiores prémios da arquitetura portuguesa. Na atualidade esta obra impar da arquitetura religiosa portuguesa está classificada como monumento nacional desde 2010. Podemos considerar que esta obra é um marco do momento da abertura da Igreja Católica às novas doutrinas e conceitos gerados aquando da conclusão do Concílio Vaticano II. Contudo, como verificado em algumas publicações, este momento de renovação da fé cristã em Roma, coincide com a fundação do MRAR em Portugal, fundado e presidido pelo arquiteto Teotónio Pereira, sendo esta uma das obras maiores do MRAR e podendo ser integrada num estilo arquitetónico brutalista.

Na nova igreja paroquial, podemos constatar uma atualização da arquitetura religiosa, e como a mesma se relaciona com o espaço urbano, quer na aplicação dos princípios da Carta de Atenas, como também, na concordância formal com a doutrina aplicada pelo Cristianismo.

Como referido em algumas publicações, no ano de 1950, as obras de Ludovico Quaroni já eram do conhecimento dos arquitetos portugueses e aquando da visita de Teotónio Pereira e Nuno Portas ao norte de Itália, nos anos de 1956 e 1959, estes visitaram a Sacra Familglia em Génova, sendo que esta obra funcionou quase como uma fonte de inspiração para o projeto a realizar em Lisboa.

"*Uma reflexão sobre o programa colocava em primeiro plano o problema da presença urbana da igreja: de um dos polos não se podia aluir que ao novo edifício se atribuía uma projeção mais vasta do que os limites da paróquia residencial, o que desde logo sugeria a procura de uma situação evidente de um destaque volumétrico do templo. Por outro lado, a regularidade do traçado urbano da zona pedia uma rotura na*

comunidade da construção marginal que deixasse verter o espaço público da rua por um "centro paroquial" que se deseja aberto e atrativo"[22]. Nesta referência, retirada da memoria descritiva do projeto levado a concurso pelo atelier de Nuno Teotónio Pereira, podemos realçar a importância da implantação do edifício na cidade já construída e consolidada, bem como, foi possível identificar que embora seja feita a referência às proporções volumétricas do templo religioso, na prática podemos constatar que a Igreja do Sagrado Coração de Jesus é quase que a antítese da ideia historicista de templo religioso.

Todavia, podemos atestar que a proposta elaborada por Teotónio Pereira e Nuno Portas, explora de forma astuta a circulação pública pelo interior do quarteirão através de uma sucessão de espaços exteriores, intercalados por patamares, escadas e espaços cobertos e ou descobertos. Criando diferentes espaços públicos entre os vários edifícios que fazem parte do complexo religioso. Permitindo assim, o atravessamento do quarteirão, mas também o acesso a todos os pisos do complexo religioso. Sendo de considerar que o projeto apresentado, abrangia uma grande diversidade de valências, bem como, de espaços de assistência social, tais como, igreja, capelas mortuárias, cripta, cafetaria, secretaria, cartório, biblioteca, jardim-de-infância, residência do clero, salão paroquial e salas polivalentes para atividades de cariz sociocultural, transformado este complexo religioso, como uma espécie, de pequeno centro urbano, aberto à comunidade em geral. Em suma, podemos considerar que em todo o projeto executado por Teotónio Pereira e Nuno Portas, está presente uma intrínseca relação entre o edifício projetado e o espaço público. Sendo, também, de realçar o tratamento dado a todo o espaço projetado através da aplicação de diferentes tipos de pavimento que refletem a hierarquização dos diferentes espaços.[23]

Ao nível da implantação, podemos destacar que este projeto foi bastante inovador à época, onde é proposta uma nova relação com o contexto urbano e o desenvolvimento de espaços internos da igreja com o intuito de haver uma valorização da comunidade religiosa. Estando a igreja implantada num lote de reduzida dimensão, entre ruas com um desnível bastante acentuado, aproximadamente 10 metros, e rodeada por edifícios de grande dimensão, é possível evidenciar as anunciadas dificuldades na execução do projeto.

---

[22] Pereira, Nuno Teotónio. "*Soluções de conjunto*". Memória descritiva Igreja Sagrado Coração de Jesus, Exposição dos projetos a concurso na Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, 1962.
[23] Marques, João Luís. "*The church in the city: Tha churchyard in Parish Church Complexes – 3 case Studies*". Porto, FAUP, 2012.

Figura 31

Planta de Localização

Figura 32

Foto da Inauguração

Figura 33

Foto do Centro Paroquial

Figura 34

Foto do Cartório e Biblioteca

Figura 35
Foto da Assembleia da Igreja

Figura 36
Foto da Assembleia, Tribuna e Lanternim da Igreja

Figura 37
Foto do Altar e da Assembleia da Igreja

Figura 38
Foto do Teto da Igreja

Figura 39
Foto do Mobiliário, o Lugar do Padre

Porém, é possível afirmar que estas complexidades foram resolvidas com elevada mestria por parte desta dupla de arquitetos.

Embora seja um edifício com uma acentuada volumetria podemos constatar que a mesma passa completamente despercebida para quem circula na sua envolvente. Todavia é possível constatar a relevância das ligações entre a consolidada malha urbana, as circulações necessárias entre as diversas valências do complexo religioso e a igreja.

Ao nível da organização do programa do complexo religioso, o edifício principal, a igreja e os seus adjacentes foram projetados em vários níveis, que permitem uma maior e melhor articulação entre o complexo religioso e os vários eixos viários pré-existentes, permitindo assim o desenvolvimento de novos percursos pedonais que valorizaram todo o complexo religioso e que permitiram "cozer" o edifício com a malha urbana fortemente consolidada.

Na sua tipologia, é possível observar, que os arquitetos responsáveis pelo projeto, fazem uma "espécie" de recuperação do modelo primitivo da igreja romana, mas com fortes "nuances" modernistas, reforçando a relação entre o espaço litúrgico e o espaço público. Ao nível da planta da igreja, esta assume-se como uma planta poligonal-orgânica, destacando-se por ser o maior volume de todo o complexo religioso.

Na sua materialidade exterior, é possível verificar que o edifício é constituído na sua maioria por painéis pré-fabricados em betão branco e com agregados de brita calcária de Vila Viçosa. Sendo de realçar a existência de um contraforte a tardoz, da entrada principal da igreja, que nos remete para uma reinterpretação dos contrafortes românicos medievais. Ao nível dos materiais aplicados nos pavimentos exteriores é possível constatar a aplicação de diversos materiais que fazem uma espécie de hierarquização do espaço público.

Em relação aos interiores projetados, podemos destacar o lanternim do altar, que permite a projeção de luz sobre este espaço. A austeridade conferida pela autenticidade das materiais como os blocos de betão pré-fabricados que conferem uma melhor acústica a todo o conjunto, a altura do interior da igreja que assume uma elevada verticalidade fazendo uma referência à elevação espiritual do ser, a quase ausência de motivos decorativos que conferem uma maior sobriedade a todo o espaço litúrgico, o acesso pelo interior da igreja à cripta, bem como, o seu alinhamento com o altar e as capelas mortuárias, existindo inclusive um eixo vertical, que nos permite ouvir a palavra sagrada na cripta e nas capelas mortuárias sem estarmos na assembleia.

Estas são algumas das características interiores que mais impacto e curiosidade me suscitaram aquando da minha visita a esta igreja.

Ao nível do espaço litúrgico, é possível constatar que o mesmo pode ser caracterizado pela sua amplitude, bem como, pelo sentido unitário que transmite. Por sua vez, a assembleia distribui-se de forma centralizada por dois patamares que delimitam a assembleia da tribuna, como também, é de realçar o local para a colocação do sacrário, que se apresenta desalinhado do eixo central da igreja, assim como, a pia batismal da igreja, que não faz parte do conjunto inicial e não está colocado no local que foi projetado para o efeito. Este elemento foi retirado da primeira Igreja do Sagrado Coração de Jesus em Lisboa, edifício este, que foi demolido e de onde foram retirados diversos elementos que posteriormente foram colocados noutros edifícios religiosos, como é o caso da pia batismal e dos azulejos da cripta e das capelas mortuárias.[24]

Em suma, considero que esta obra reúne várias características que de uma forma sublime e astuta se conjugam entre si de forma perfeita. Exemplo disso é a utilização de materiais mais simples e menos nobres, como o betão à vista com os agregados de pedra calcária, o vidro aplicado nos edifícios anexos, o ferro nos detalhes exteriores, como os candeeiros projetados por Teotónio Pereira e Nuno Portas, todos estes materiais conferem uma certa subtileza e sofisticação a todo o complexo religioso.

[24] Pereira, Nuno Teotónio. "*Soluções de conjunto*". Memória descritiva Igreja Sagrado Coração de Jesus, Exposição dos projetos a concurso na Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, 1962.

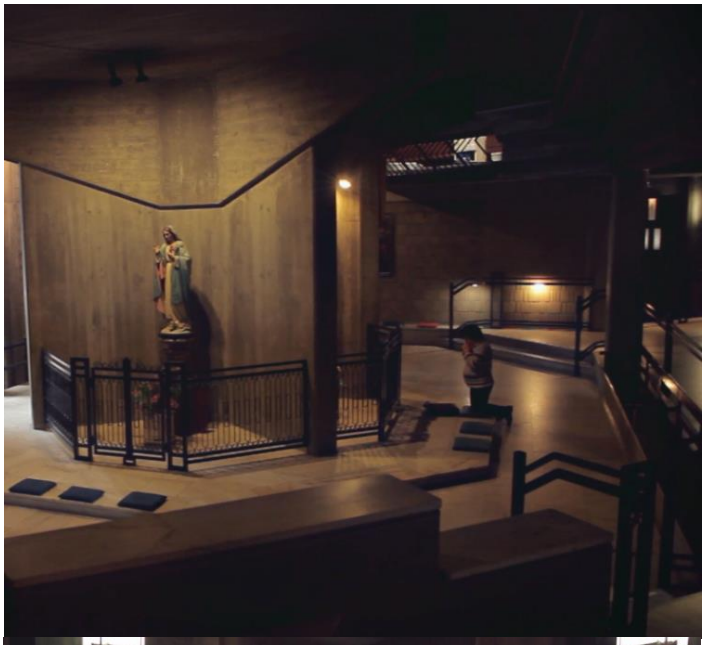

Figura 40

Foto da Cripta

Figura 41

Foto da Capela Mortuária

Figura 42

Foto dos Candeeireiros Interiores

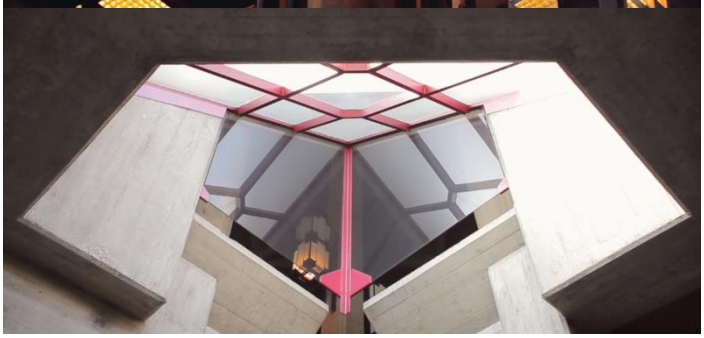

Figura 43

Foto do Lanternim no Local Original do Batistério

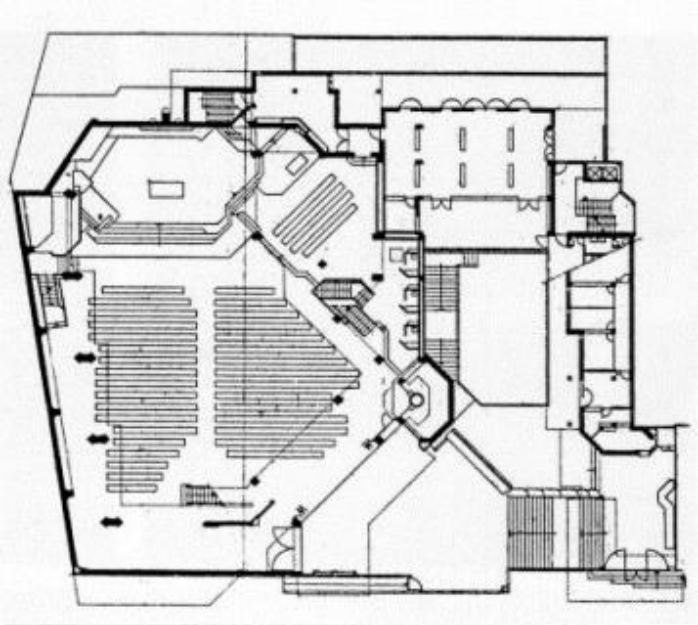

Figura 44

Planta Piso da Igreja

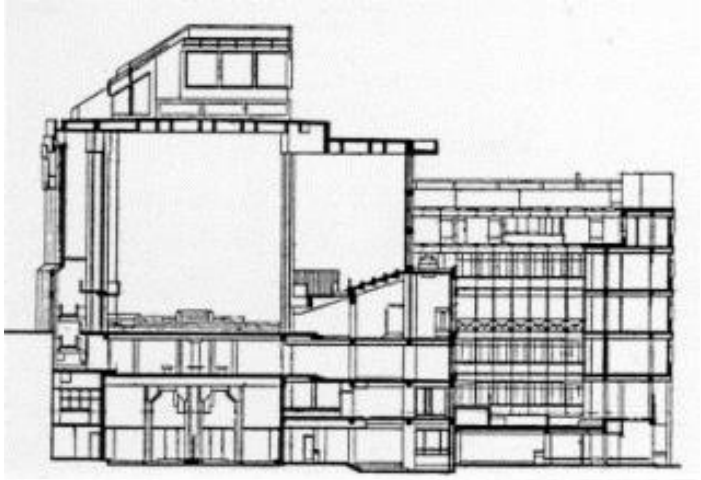

Figura 45

Corte Longitudinal

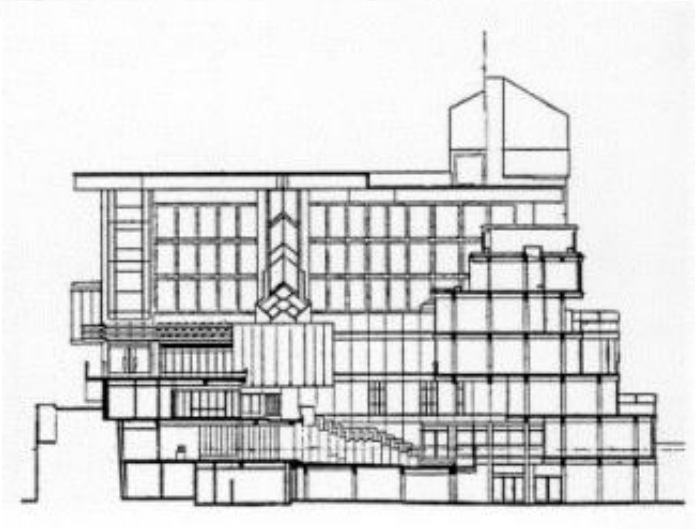

Figura 46

Corte Transversal

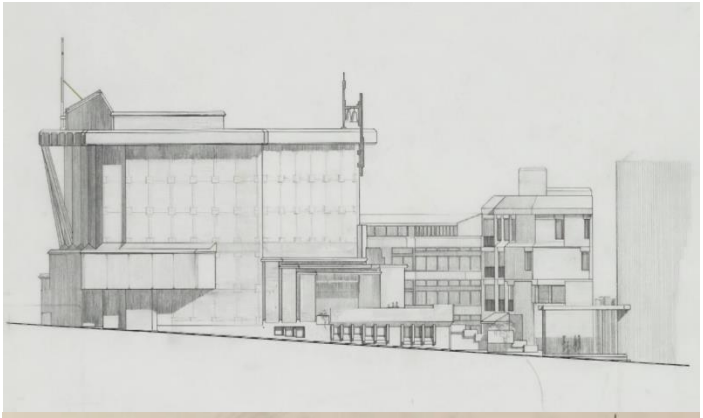

Figura 47

Alçado

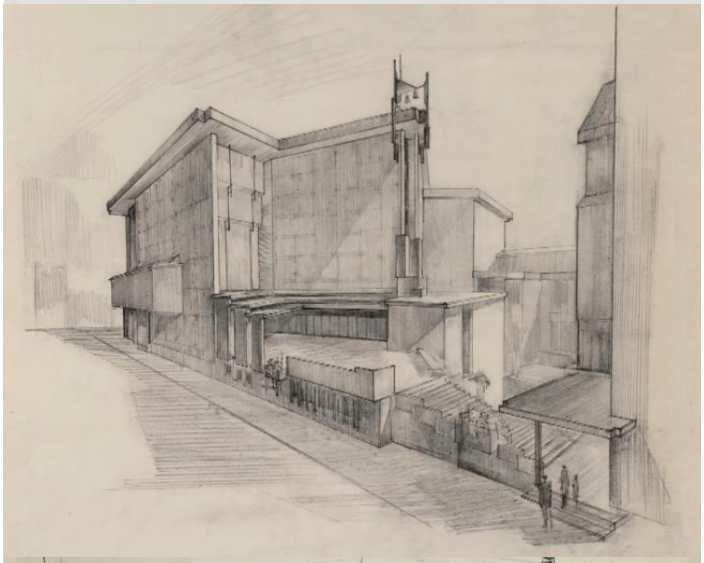

Figura 48

Perspetiva do Exterior

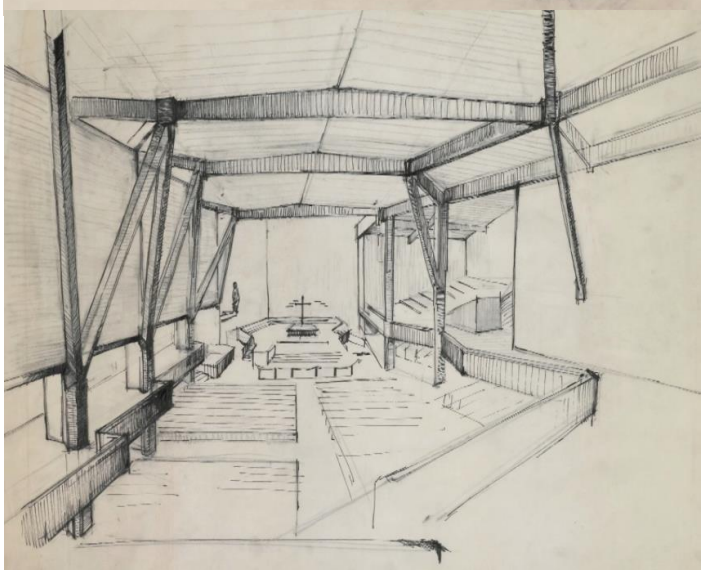

Figura 49

Perspetiva do Interior

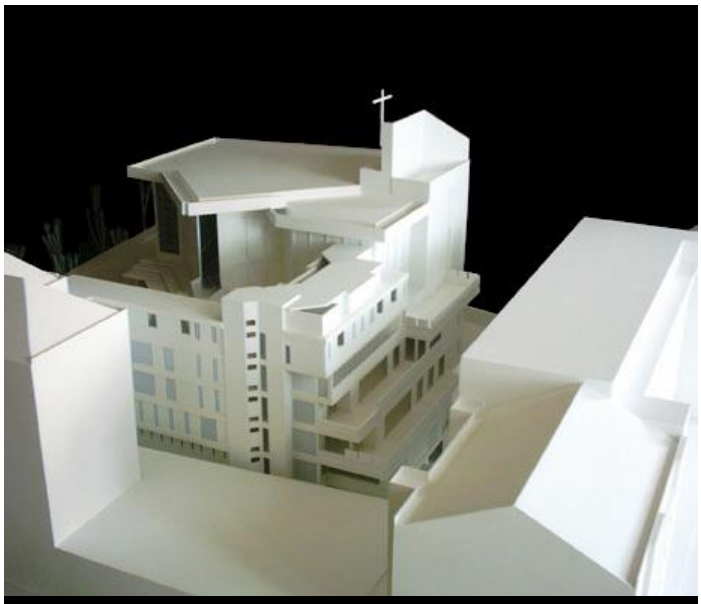

Figura 50

Foto da Maquete

Figura 51

Foto da Maquete

3.1.2 Igreja de Santa Maria

A Igreja de Santa Maria no Marco de Canaveses é uma obra de autoria do arquiteto Álvaro Siza Vieira. Este complexo religioso começou a ser contruído entre 1992 e 1994, sendo que, o primeiro edifício a ser contruído foi a igreja, que teve a sua inauguração em 1996. Posteriormente, em 2004 começou a ser edificado o Centro Paroquial, que teve a sua inauguração em 2006, mas como verificado na cronologia acima descrita existiu uma grande décalage entre a fase de projeto inicial e a sua conclusão. Contudo é de salientar que mesmo passados dez anos entre a construção da igreja e o restante complexo religioso foi mantida a mesma linguagem e rigor, tão característicos deste arquiteto português, pois como mencionado pelo autor, todo o complexo foi projetado na mesma época.

Com uma elevada e relevante dimensão simbólica, que nos remete para uma radical procura estética e ética de sentido purificador, o projeto de Siza Vieira, inseriu-se num contexto purista, mas atingindo um grau zero ou até mesmo extremo de simplificação e rigor formal. Por esse motivo, podemos nesta obra aplicar o conceito do minimalismo na arquitetura religiosa, considerando que esta é das obras da arquitetura religiosa de finais do século XX mais relevantes em Portugal. Recebeu, dois importantes prémios internacionais, o Prémio IBERFAD em 1996 e o Prémio Frata Sole no ano 2000.

O lote de terreno disponibilizado com aproximadamente 5.500m^2, este fazia parte da antiga quinta agrícola de Murteirados, na atualidade este lote localiza-se dentro do perímetro urbano da cidade do Marco de Canaveses. A zona urbana onde se insere o complexo religioso nunca foi objeto de um plano de pormenor urbano, assim sendo, foram construídos vários edifícios residenciais a custos controlados, como também, vários equipamentos, como escolas, bombeiros e lares de idosos, sempre de acordo com as necessidades que iam surgindo na cidade.

Ao nível da implantação podemos constatar, após uma análise à envolvente, qual foi o “ponto de amarração” utilizado por Siza Vieira para a implantação da igreja como também de todo o complexo religioso, foi o lar de idosos pré-existente, sendo este, um volume bastante firme na sua implantação e que se tornou essencial para a implantação de todo o complexo religioso projetado por Siza Vieira.

Figura 52

Planta de Localização

Figura 53

Foto de Aérea de Todo o Complexo Religioso

Figura 54

Foto do Centro Paroquial

Figura 55

Foto do Alçado Nascente

Figura 56
Foto do Alçado Norte e Capelas Mortuárias

Figura 57
Foto do Entrada da Igreja

Figura 58
Foto do Acesso ao Adro

O centro paroquial proposto por Siza Vieira, assenta num volume que procura uma relação de proximidade com as cotas altimétricas dos edifícios residenciais pré-existentes e funciona como um remate a estas construções. O facto de o complexo religioso e a igreja partilharem a mesma linguagem, mesmo com escalas diferentes, permite que todo o complexo religioso pareça uma só peça arquitetónica.

O adro da igreja projetado por Siza Vieira é em simultâneo um momento de tensão e de equilíbrio entre os dois edifícios que o definem. O espaço vazio entre estes é o necessário para que exista um diálogo entre os dois volumes, sendo que o espaço público/adro projetado é determinado por uma geometria irregular mas com um grande controlo e detalhe.

Após análise é possível identificar três espaços destintos em todo este grande adro. O primeiro é o pátio do centro paroquial que é definido por um U que faz parte da composição do edifício. O segundo é o vazio da praça, que de acordo com algumas publicações, coincide com um percurso antigo que fazia todo o atravessamento do terreno e que foi mantido pelo arquiteto. O terceiro é o adro da igreja, um espaço regular de pequenas dimensões e mais intimista, fazendo assim, com que este grande adro seja parte integrante do espaço público.

A proposta apresentada por Siza Vieira, também, contempla uma reduzida zona de acolhimento arborizada ao nível da rua que é articulada por uma escada que nos conduz ao adro da igreja.

Sendo possível fazer um paralelismo entre a Igreja do Marco de Canaveses projetada por Siza Vieira e a igreja de Lisboa projetada por Teotónio Pereira, onde ambas fazem a elevação do adro da igreja em relação à rua movimentada, bem como, à presença dominante do corpo da igreja.

Ao nível da sua tipologia, esta igreja apresenta-se com um modelo longitudinal de nave única, modelo este, que não consegue ser percetível pelo exterior, pois seria de supor, de acordo com o alçado frontal da igreja, que a mesma tivesse três naves. Na organização do programa podemos constatar que a igreja articula-se em dois níveis, sendo que o nível superior é a igreja e o nível inferior a capela mortuária. Porém, a capela mortuária pode ser considerada a nível teórico como a fundação da igreja. De realçar que o acesso a este espaço é feito pelo exterior, através de um claustro e com muros de granito,

o que confere o distanciamento necessário entre este local de reflexão e a estrada circundante.[25]

Na sua materialidade exterior, este complexo religioso foi na sua maioria contruído em betão, posteriormente, revestido com uma camada de reboco e pintado a branco. Por conseguinte, o embasamento do edifico em granito da região, tal como referido pelo autor, prende o edifico ao terreno. De realçar, que na sua composição formal o acesso à igreja é feito através de uma grande porta, com dez metros de altura, que confere, na minha opinião, uma sensação de redução do Homem face ao sagrado.

Ao nível da sua materialidade interior, podemos constatar a presença de três materiais destintos, a madeira, o azulejo e o reboco branco. Materiais estes, que na sua conjugação conferem uma linha de continuidade, como também, da separação entre o espírito terreno e o espírito sagrado, sendo que a madeira representa o espírito terreno e o reboco branco o espírito sagrado.

O batistério projetado por Siza Vieira, pode ser considerado uma obra de arte, quer ao nível da materialidade aplicada, bem como, ao nível a espacialidade do local, sendo um espaço com um elevado pé-direito, como também, inundado de luz através de um grande vão projetado, que enquadra a pia batismal e a envolvente. Contudo, como referido pelo autor, este não seria o local inicial para a colocação da pia batismal, inicialmente iria estar junto ao altar, mas após algumas revisões ao projeto foi decidido colocar a pia batismal na entrada, como historicamente era projetado. Na sua materialidade é possível verificar que a pia batismal é em mármore, coincidente com o pavimento e com o rodapé elevado, existindo uma pequena reentrância no pavimento que permite a recolha da água corrente.

[25] Siza, Álvaro. "*Igreja de Santa Maria*", Porto, Letras e Coisas, 2016.

Figura 59
Foto do Altar e da Assembleia da Igreja

Figura 60
Foto Interior da Entrada, Assembleia e Coro

Figura 61
Foto do Mobiliário, o Lugar do Padre

Figura 62
Foto do Mobiliário, o Ambão

Figura 63
Foto do Mobiliário, o Sacrário

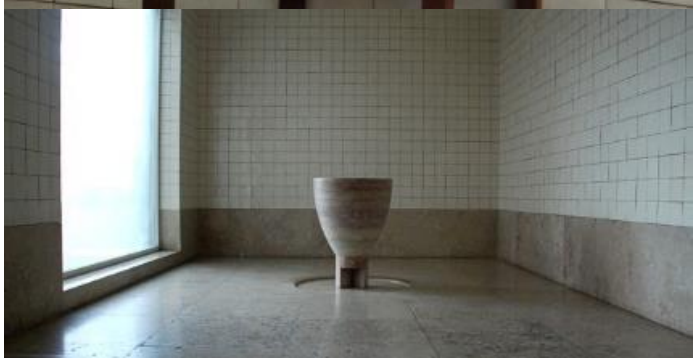

Figura 64
Foto do Batistério e Pia Batismal

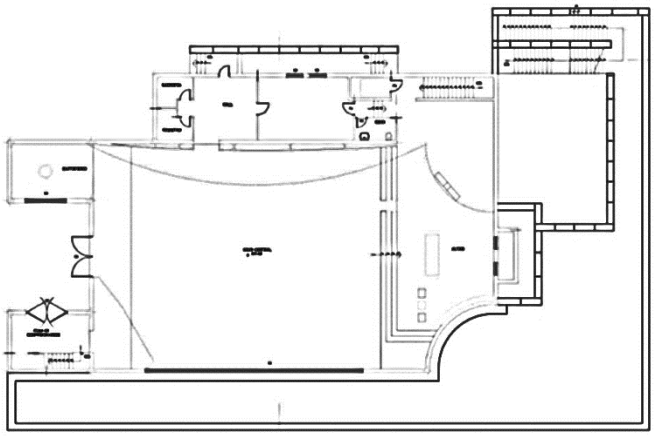

Figura 65

Planta Piso da Igreja

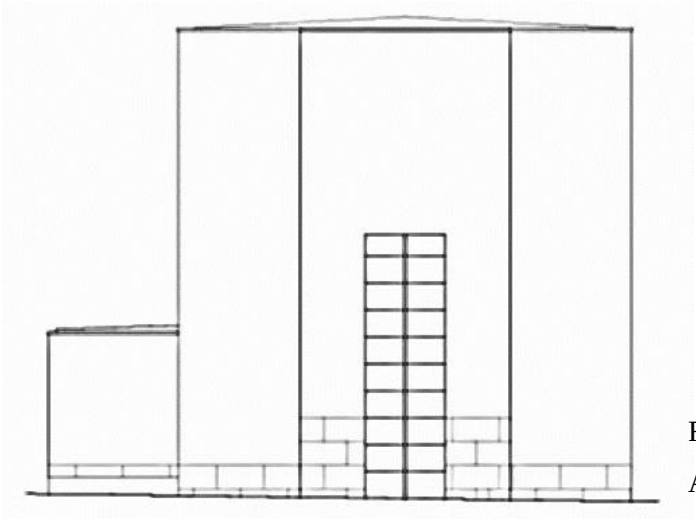

Figura 66

Alçado Frontal

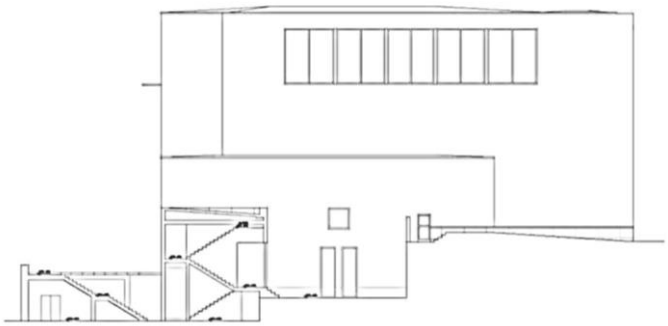

Figura 67

Alçado Norte

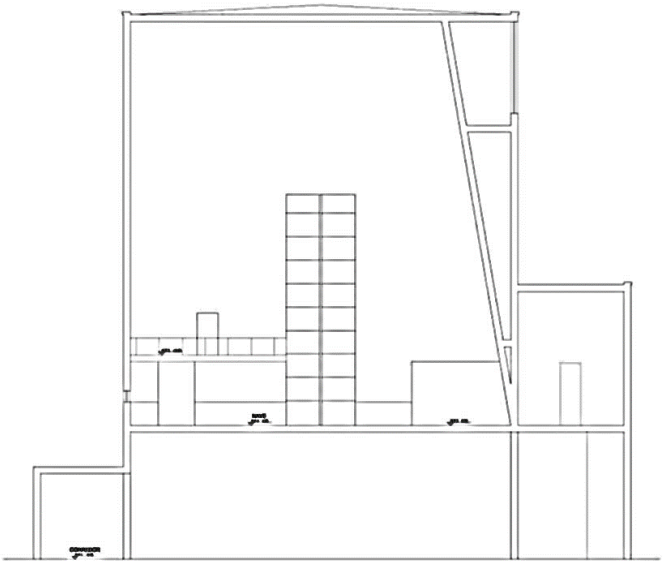

Figura 68

Corte pelo Interior da Igreja

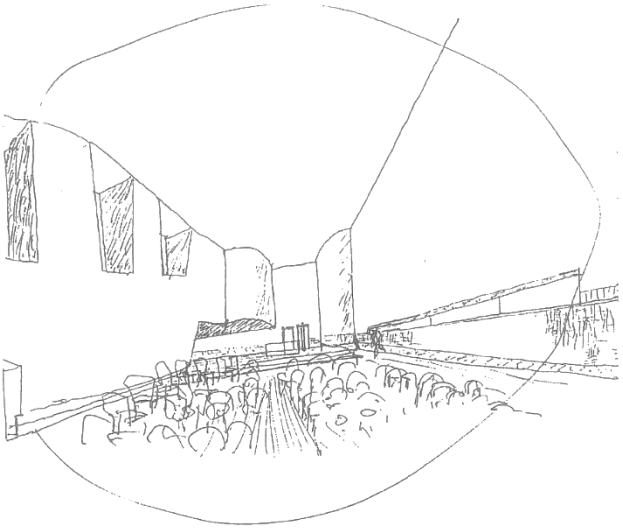

Figura 69
Perspetiva do Interior

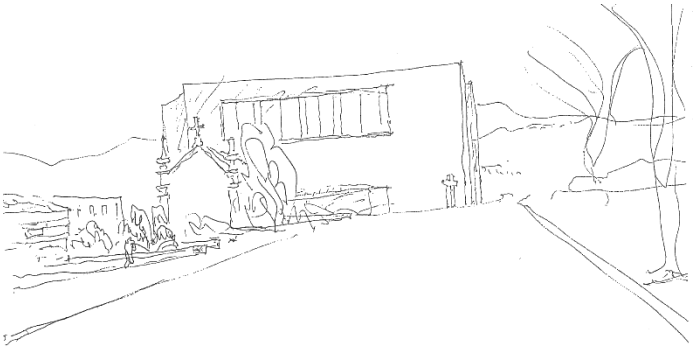

Figura 70
Perspetiva do Exterior

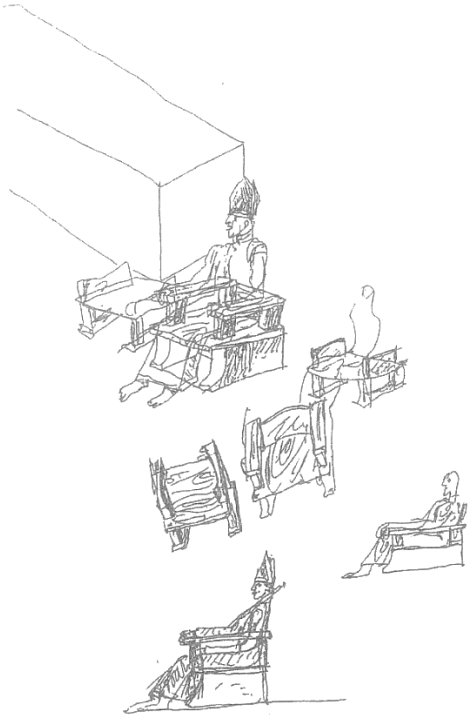

Figura 71
Esquiço do Mobiliário,
o Lugar do Padre

Figura 72

Foto da Maquete

Figura 73

Foto da Maquete

Figura 74

Foto da Maquete

Figura 75

Foto da Maquete

3.1.3 Igreja de Santo António

A Igreja de Santo António em Portalegre, é um projeto de autoria de João Luís Carrilho da Graça. Esta obra foi projetada inicialmente em 1993, mas só passados quinze anos é que foi concluído o projeto, mais concretamente no ano de 2009, fazendo assim, com que esta igreja esteja inserida no século XXI.

A edificação de um complexo religioso no Bairro dos Assentos em Portalegre, permitiu à comunidade usufruir de um espaço público, que há várias décadas era necessário aquela área residencial na periferia da cidade de Portalegre. A solução adotada por Carrilho da Graça procurou reinterpretar um modelo historicista da arquitetura religiosa, a basílica, que era acedida por um pátio externo totalmente encerrado para a envolvente.

Pelo exterior, este complexo religioso apresenta-se como um compacto volume branco, sem aberturas para o exterior e sem antever a natureza religiosa do edifício, sendo que, embora pretenda ter uma implantação discreta, o mesmo se torna antagónico quando analisamos os quase 85 metros de extensão deste grande pano branco, interrompendo o alinhamento das árvores pré-existentes na rua principal. Podemos considerar, que o lote de terreno disponibilizado para a edificação de todo o complexo religioso não ocupa uma posição central no Bairro dos Assentos, ou seja, perto de outros equipamentos como escolas e zonas comerciais, no entanto, desfruta de uma situação urbana de exceção, tendo quase metade de um quarteirão para a sua implantação. Motivo este que leva alguns críticos da arquitetura a conjeturar que o lote disponibilizado não foi explorado em todas as suas vertentes, ou seja, não tira proveito da existência dos cruzamentos pré-existentes para fazer momentos de entrada no complexo religioso. Contudo, considero, que a forma de implantação do edifício neste lote retangular está cuidadosamente implantado, fazendo o alinhamento das cérceas, das volumetrias e respeitando os edifícios pré-existentes. Procurando assim, um equilíbrio entre o edificado pré-existente e o novo edifício a construir. Na sua implantação o complexo religioso é composto por cinco volumes, articulados entre si de forma compacta e inseridos num perímetro completamente murado e fechado em si mesmo.[26]

[26] Marques, João Luís. "*The church in the city: Tha churchyard in Parish Church Complexes – 3 case Studies*". Porto, FAUP, 2012.

Figura 76

Planta de Localização

Figura 77

Foto Relação do Edifício com a Rua

Figura 78

Foto de Entrada no Complexo Religioso

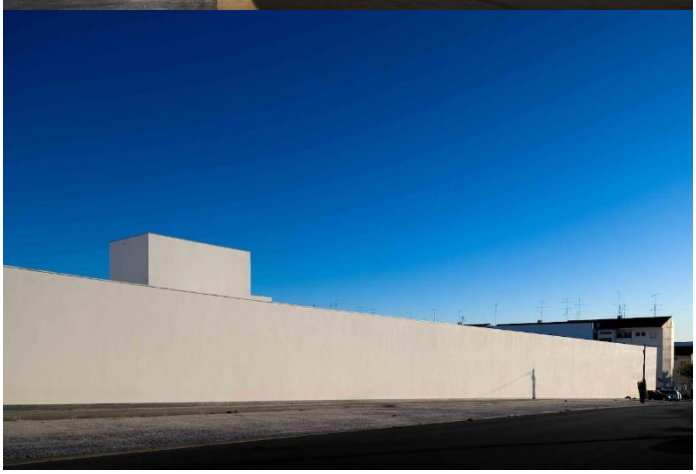

Figura 79

Foto Alçado Tardoz

Figura 80
Foto Interior do Claustro

Figura 81
Foto do Altar e da Assembleia da Igreja

Figura 82
Foto da Relação da Rocha Natural com o Altar

Figura 83
Foto Interior da Igreja

Ao nível da composição da igreja é possível constatar que a mesma assenta numa forma quase quadrangular, sendo este, o volume principal de todo o complexo religioso. Este é composto por dois grandes vãos, um na entrada da igreja, voltado para o claustro, e outro no altar, voltado para rocha quartzítica, que confere uma grande misticidade ao espaço, quer no interior da igreja como no exterior, sendo este um lugar de contemplação e reflexão.

O desenho efetuado por Carrilho da Graça para o espaço público encerrado, nomeadamente, o adro ou claustro, não resulta de um dialogo com a envolvente, mas sim de um dialogo com o interior do edifico, onde a realidade da natureza pré-existente, a rocha, é posta a descoberto que assume um papel fundamental.

"*O espaço principal é um contínuo que nos leva desde a rua até à rocha quartzítica, posta a nu pelo terreno aplanado. Primeiro, o pórtico de entrada. Depois o pátio-adro flanqueado pelas duas rampas e pelas alas onde se distribuem os centros comunitários e paroquial. Ao fundo, o espaço central da igreja, que um envidraçado torna inesperadamente transparente. Por último, o pátio exterior construído com a rocha existente, o ar, a luz zenital, agua e plantas. Um espaço aberto à contemplação.*"[27]. Este valorizar contemplativo só se torna possível, uma vez que, o edifício é totalmente encerrado para o exterior escondendo o edificado pré-existente da sua envolvente.

Na sua materialidade exterior é possível constatar a presença de panos brancos tão característicos do Alentejo, zona em que o arquiteto tem as suas raízes, assumindo assim um elevado destaque. Dado a este facto, é possível considerar que este complexo religioso possa ser inserido, num estilo minimalista e um pouco vernacular, dada a presença destes grandes panos brancos, que como referido anteriormente, fazem parte da arquitetura vernacular alentejana. Na sua construção, a estrutura principal é constituída por betão que, posteriormente, foi pintado de branco.

Ao nível do seu interior é possível evidenciar a cor aplicada no pavimento da igreja que assume um grande destaque, em grande parte, devido ao facto de não ser usual a utilização de cores tão escuras nos pavimentos das igrejas. Após análise é possível constatar que o contrate do preto com as paredes brancas, o granito do altar e madeira clara dos bancos fazem uma simbiose perfeita para o culto religioso.

[27] Carrilho da Graça, João Luís. "*A igreja de Santo António, Portalegre*". https://www.snpcultura.org/obs_13_igreja_santo_antonio_portalegre.html

Figura 84

Foto Altar e Sacrário

Figura 85

Foto Batistério e Pia Batismal

Figura 86

Foto Capela Interior

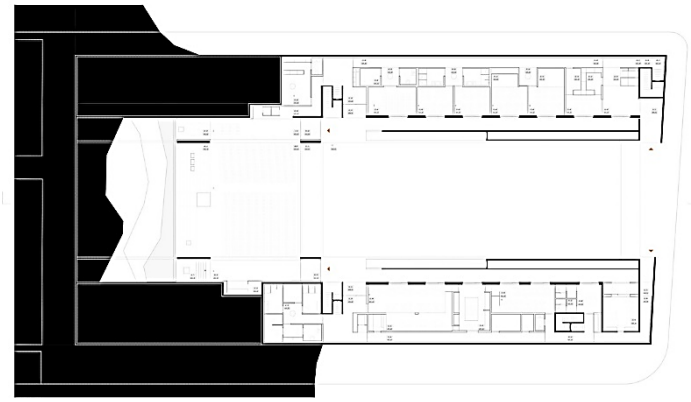

Figura 87

Planta Piso da Igreja

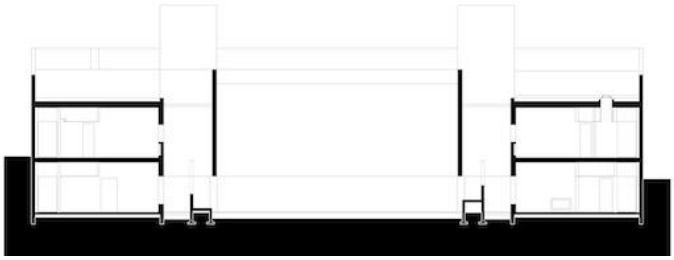

Figura 88

Corte transversal pelo Interior

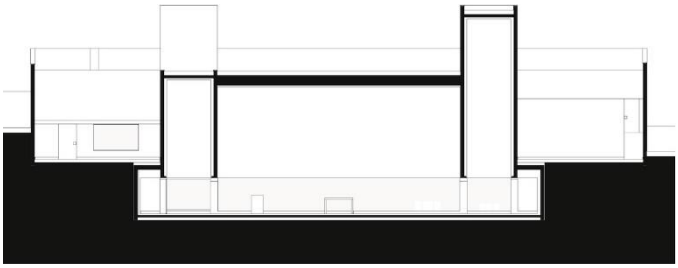

Figura 89

Corte transversal pelo Interior

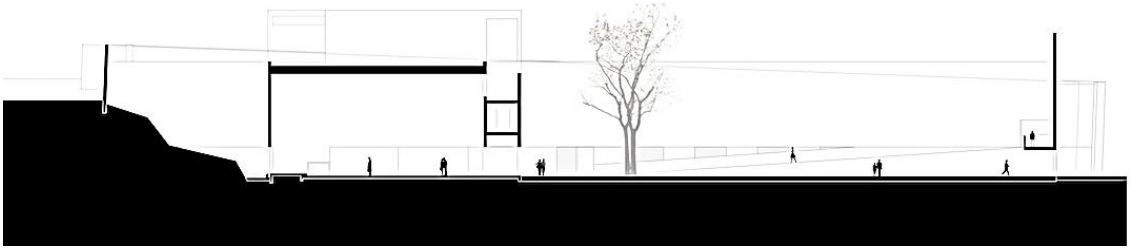

Figura 90

Corte Longitudinal, Relação entre o Espaço Exterior e Interior

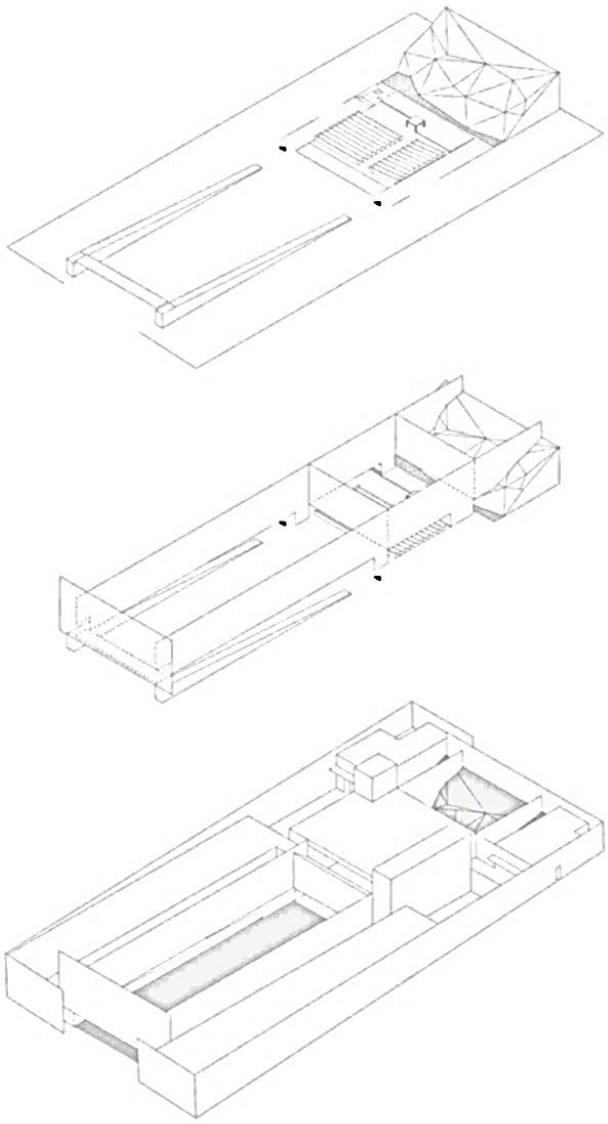

Figura 91

Axonometria Explodida

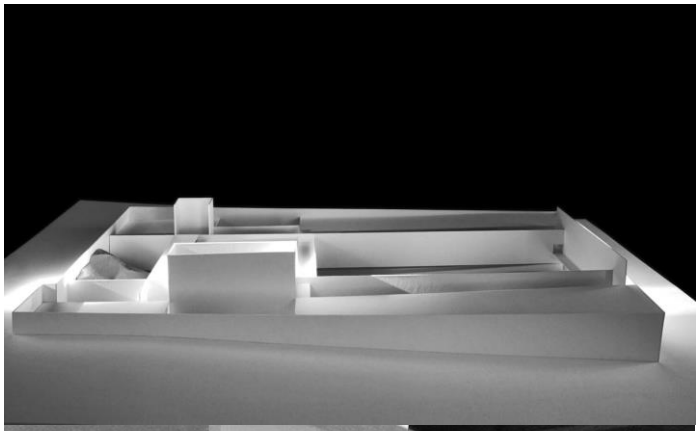

Figura 92

Foto da Maquete

Figura 93

Foto da Maquete

Capítulo IV

4.1 A Conceção de um Projeto de Arquitetura Religiosa Prado do Repouso

Após uma análise ao contexto onde se insere a cidade do Porto é possível constatar a falta de complexos religiosos construídos de raiz para albergar este tipo de programa, pois como referido anteriormente, a maioria destes equipamentos resultam do reaproveitamento de edifícios já existentes ou através da construção de espaços anexos para colmatar algumas carências.

Um ponto que merece referência é o facto de o local para a implantação do projeto se localizar muito perto de um dos maiores e mais antigos cemitérios da cidade do Porto, o cemitério do Prado do Repouso, sendo certo, que neste seguimento já existe um crematório, mas não existem capelas mortuárias com capacidade para a albergar vários velórios ou funerais simultaneamente. Torna-se, assim, imperativo a edificação deste tipo de equipamento, para suprir as necessidades da população que reside nesta parte da cidade. Igualmente, é possível verificar que não existe uma igreja paroquial na sua envolvente, existindo apenas uma igreja e uma capela. A primeira está inserida no complexo escolar dos Salacianos e a segunda está implantada dentro do cemitério do Prado do Repouso.

Todavia, é possível constatar a inexistência de um centro paroquial que confira a possibilidade do ensino litúrgico, bem como, para a realização de ações de cariz social.

O projeto a apresentar e o seu desenvolvimento, surge da temática lançada na disciplina académica de Projeto V na universidade Lusófona do Porto. Sendo de realçar, que foi disponibilizada uma lista de todas as valências necessárias a projetar, com as dimensões pedidas.

Neste estudo só serão apresentadas as propostas finais excluindo as primeiras propostas de implantação e organização.

Figura 94
Foto da Maquete

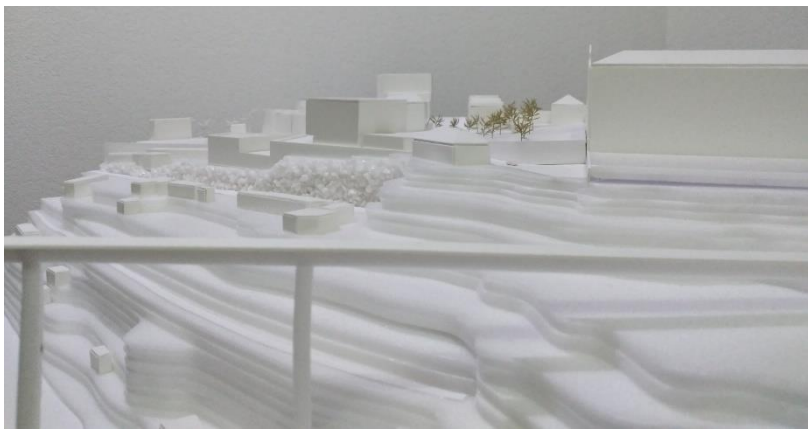

Figura 95
Foto da Maquete

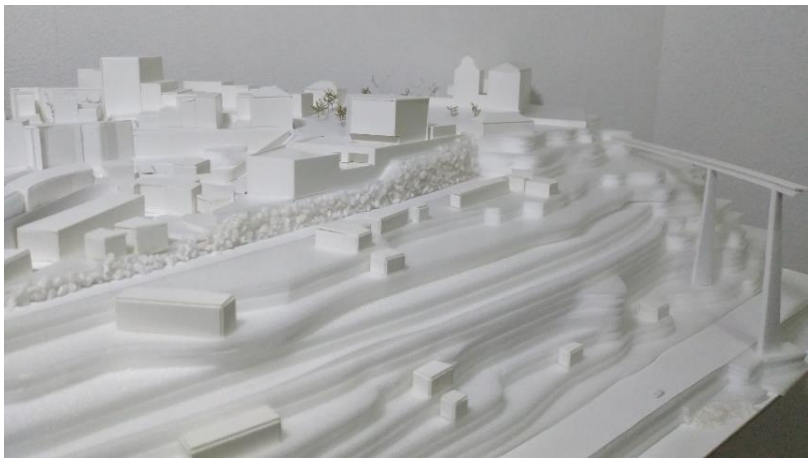

Figura 96
Foto da Maquete

4.2 A Igreja

No desenvolvimento do projeto de arquitetura religiosa foram tidos em consideração vários fatores, que na sua maioria se relacionam com os princípios advindos das normas criadas aquando do Concílio Vaticano II.

Após análise, pode-se constatar que nos documentos eclesiásticos emitidos após o Concílio Vaticano II, não indicia que seja possível criar um espaço sacro segundo determinados critérios, mas pode-se considerar que é a sua idoneidade é decisiva para a celebração litúrgica. Nesta ótica, o espaço sacro deve possuir, por força da sua organização, qualidades mistagógicas que facilitem experimentação da fé pela comunidade.[28]

Por esse motivo, tornou-se imperativo, tomar partido da localização privilegiada sobre o Rio Douro, pois permite que a igreja seja visível de vários pontos e em várias cotas altimétricas.

Para poder existir uma maior comunhão entre a assembleia e o altar foi seguida uma forma radial de distribuição dos seus constituintes, permitindo que todos se vejam e revejam nos rituais litúrgicos.

Na conceção de todo o espaço sacro foram desenhadas várias peças de mobiliário que serão descritas numa fase posterior.

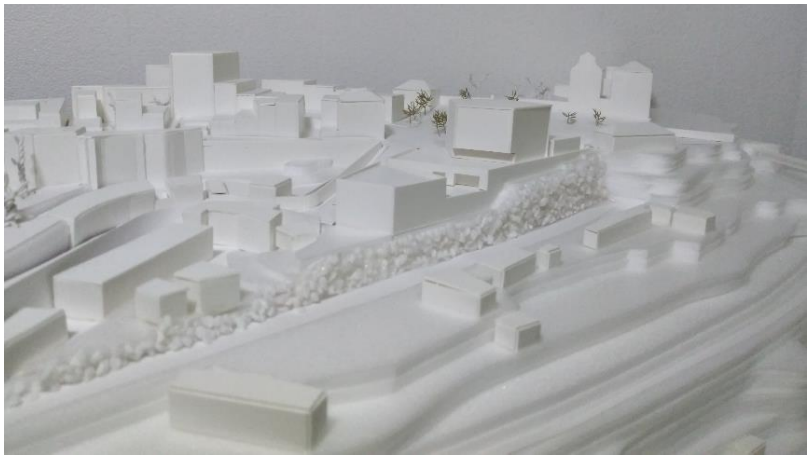

Figura 97
Foto da Maquete

[28] II Concilium Vaticanum, "*Sacrosantum concilium*" Vol. 42

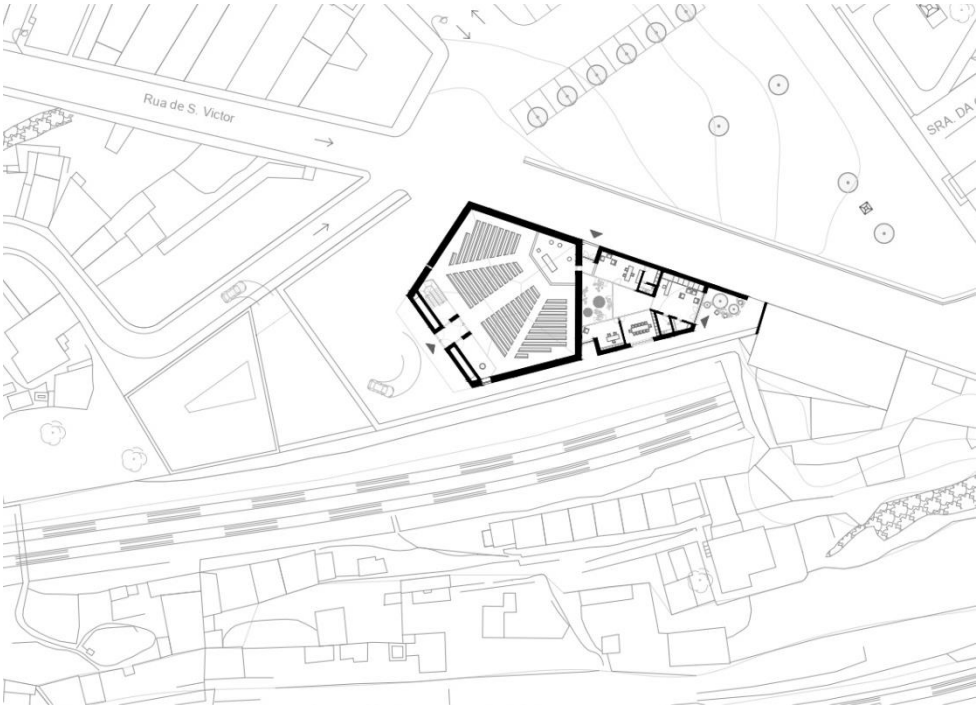

Figura 98

Planta da Igreja

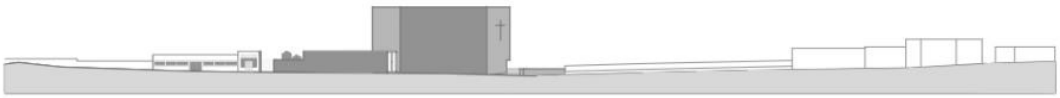

Figura 99

Corte Longitudinal

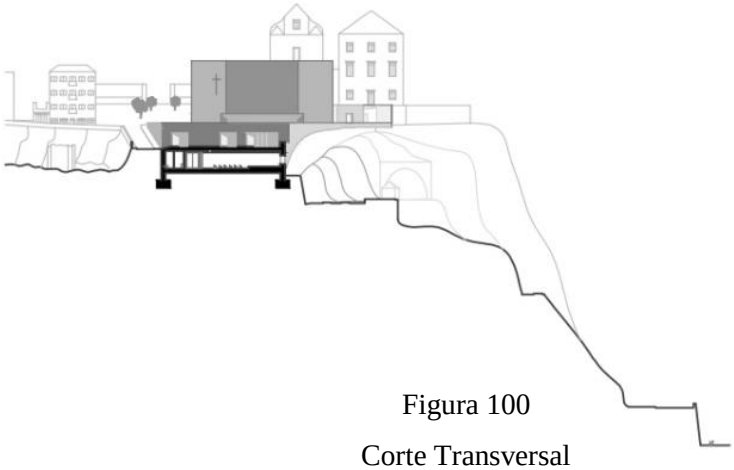

Figura 100

Corte Transversal

4.2.1 O Local

O lote de terreno disponibilizado, como referido anteriormente, localiza-se no centro da cidade do Porto, sendo que, a cidade se desenvolve na sua maioria sobre as colinas do rio Douro. A cidade do Porto é uma cidade com vários séculos de existência, existindo referências a esta parte da cidade desde a época romana. Neste sentido, é possível afirmar que esta é uma cidade milenar onde existe uma grande predominância de edifícios históricos, de cariz religioso, social e civil.

Ao nível urbano, a cidade foi sendo construída sobre terrenos bastantes acidentados pela topografia geomorfológica da cidade. O terreno para o desenvolvimento do projeto do complexo religioso, não destoa da restante cidade, existindo um desnível de cotas dentro do lote de dez metros, sendo que fora do lote em questão, também, é possível encontrar um desnível altimétrico de quase cinco metros, onde está localizado o Largo Padre Baltazar Guedes.

Todavia, considero que embora exista uma grande dificuldade na implantação de todo o complexo religioso, pelos motivos acima referenciados, foi deveras vantajoso para o meu percurso académico a realização deste complexo religioso, pois nem sempre é possível intervir numa cidade consolidada, como a cidade do Porto.

Figura 101

Foto da Escarpa do Douro com Vista para o Terreno

4.2.2 A Implantação

Na implantação de todo o complexo religioso foram levantadas algumas questões que se revelaram de grande pertinência para o desenvolvimento do projeto, tais como, a complexidade dos edifícios a projetar, a igreja, o centro paroquial, as capelas mortuárias, e as áreas do pároco.

De extrema importância, foram os acessos às várias plataformas do complexo religioso, existindo no lado norte do terreno a Rua Gomes Frei, com um único sentido e de dimensões muito reduzidas, bem como, a complexidade de como dividir o programa proposto, sendo que, alguns dos locais como as capelas mortuárias necessitam de um certo distanciamento de todos os outros edifícios, devido em grande parte, ao carater singular dos rituais fúnebres que ocorrem neste espaço.

Por estes e outros motivos referidos anteriormente, foi tomada a decisão de dividir o programa em três plataformas destintas, sendo que, a primeira plataforma é constituída pela igreja e áreas do pároco, na segunda plataforma foram projetadas as capelas mortuárias que assumem a volumetria da igreja e a terceira plataforma, que tem o seu acesso pela cota mais baixa do terreno, onde se situa o centro paroquial.

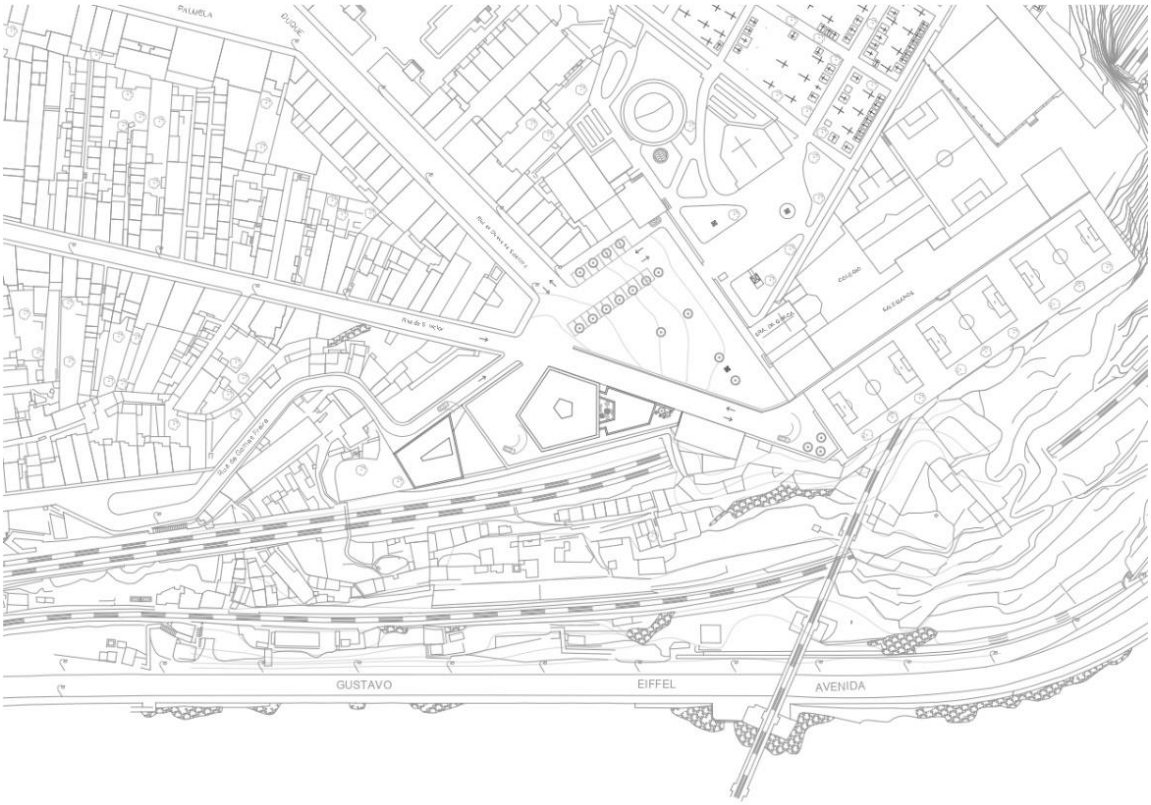

Figura 102

Planta de Implantação

4.2.3 A Forma

"*Pentagrama, figura geométrica que representa o homem e a sua anatomia, as cinco pontas representam a cabeça e as quatro extremidades. Na Antiguidade representava saúde e harmonia de corpo e mente. A estrela de cinco pontas também é um símbolo muito prezado na magia, com poderes para afastar a má sorte. Para o cristianismo representa as cinco chagas de cristo e é um símbolo da sua paixão.*"[29]. Como verificado nesta citação retirada do livro *Mistérios da Humanidade – Símbolos e Mensagens*, existe uma grande simbologia associada à forma pentagonal.

Seria de supor que este seria o motivo pelo qual esta forma foi escolhida, no entanto, esta forma surge após a realização de variadas configurações, desde o quadrado, o retângulo e poliedros de várias formas. Após alguns testes para seguir com alguns dos alinhamentos do terreno existente foi aplicada esta forma, que devido ao seu desenho em planta, é possível projetar a igreja com as dimensões pedidas no programa, como também permite, na minha opinião, uma maior utilização do espaço público sobrante e a circulação por todo o perímetro da igreja.

Sendo de realçar, que ao ser desenvolvida esta volumetria é possível tornar a igreja, num elemento de destaque ao cimo da colina, como acontece com a igreja implantada na Serra do Pilar em Vila Nova de Gaia.

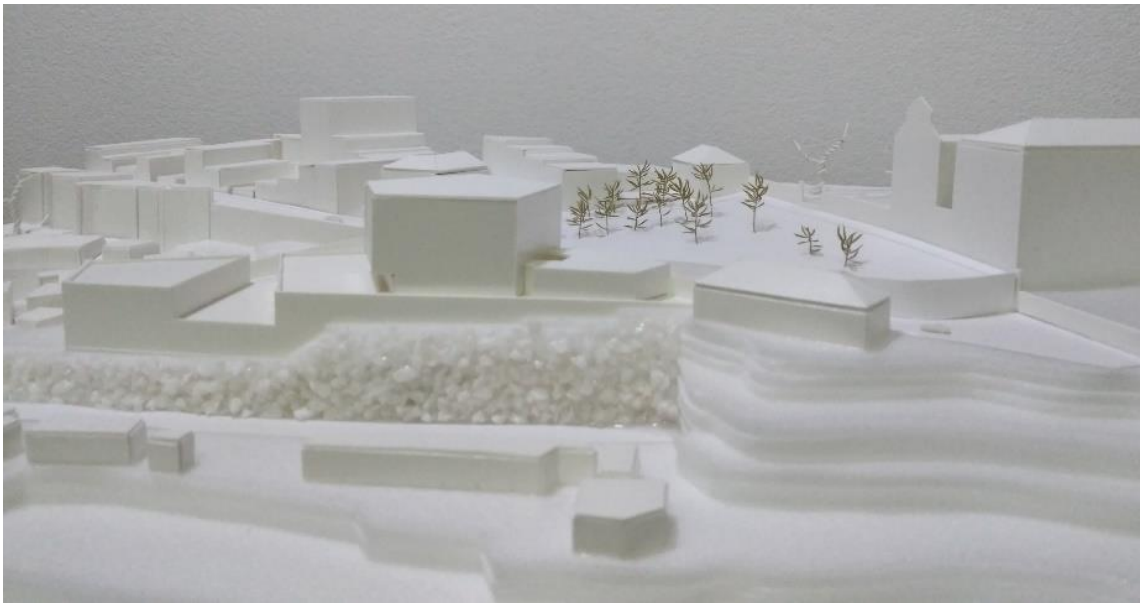

Figura 103

Foto da Maquete

[29] Barth, Reinhard; Berkel, Irene; Butscher, Ralf; Husemann, Dirk; Lückemeier, Kai; Müller, Dorothea; Neuschäffer, Christoph; Schmidt, Stephanie; Schuhmacher, Stefanie. "*Mistérios da Humanidade – Símbolos e Mensagens*". Círculo de Leitores, 2011.

4.2.4 A Orientação Nascente/Poente

A posição da igreja face ao eixo solar assume uma grande importância, como referido anteriormente, não existe uma regra fixa para esta orientação, mesmo em Roma, existem várias igrejas que não assumem esta orientação, em grande parte devido à evolução urbana.

Contudo, no projeto a desenvolver e considerando a existência de uma igreja pré-existe perto do local foi tomada a decisão de assumir o eixo Nascente/Poente, mesmo que para isso, a nova igreja se encontre de "costas voltadas" para a igreja pré-existente no Colégio Salacianos e para o Largo Padre Baltazar Guedes. Esta decisão permitiu a projeção de duas praças, a primeira de carater público, sendo um local arborizado e de livre acesso a toda a população e a segunda é constituída pelo adro da igreja, que tem uma dimensão menor, mais intimista e que enquadra a entrada da igreja na paisagem do Douro.

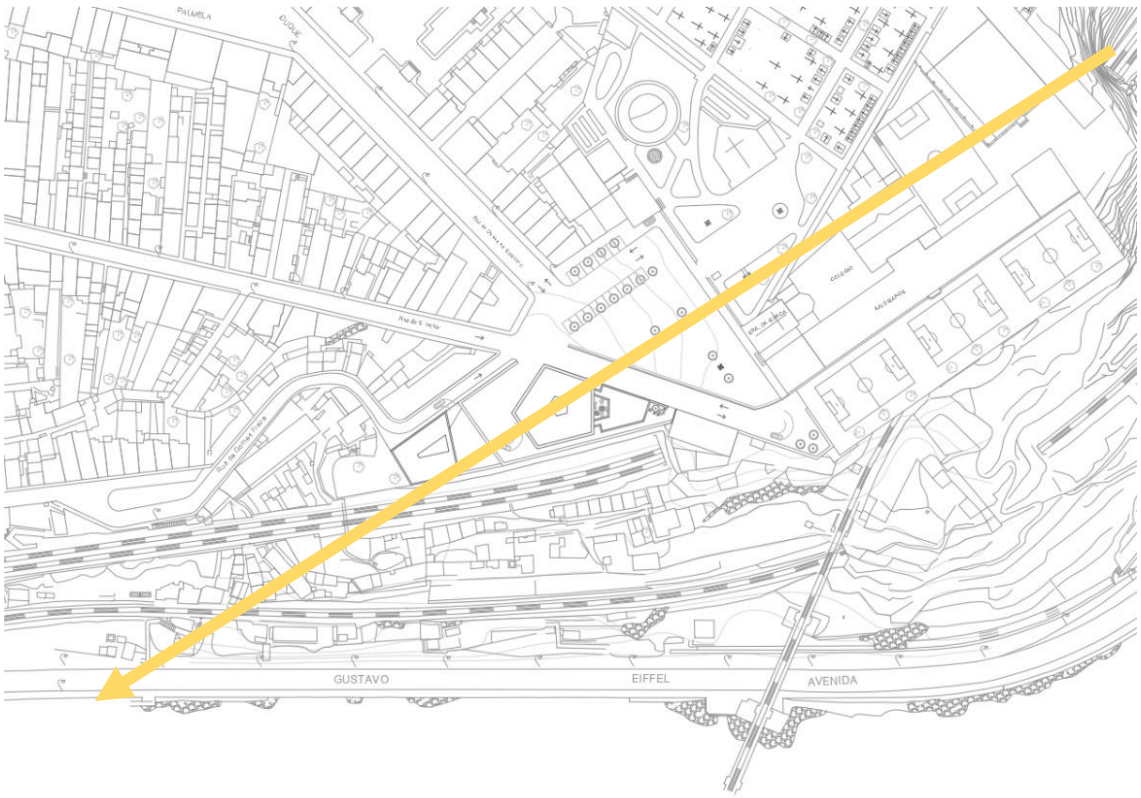

Figura 104

Planta de Orientação Solar

4.2.5 O Cheio e o Vazio

Tudo aquilo que pertence à liturgia, ou seja, a celebração, as vestes, o espaço, o utensilio, a forma plástica e as imagens exprimem uma determinada estética da fé. Entende-se por estética da fé, tornar visível o invisível e audível o inaudível, quando isto é conseguido de forma adequada integrando todos os elementos pertencentes a liturgia, pode-se considerar a igreja como uma obra de arte global, sendo a própria celebração comparada a uma ação ou apresentação artística.[30]

Cada forma ou imagem colocada na igreja só tem sentido se estiver em interação com a imagem do espaço originalmente existente. Existindo espaços tão bem organizados que não suportam imagens adicionais, como é o caso da igreja de Santo António, em Portalegre, projetada por Carrilho da Graça, sendo o vazio por si só uma imagem, pois o vazio de imagens no espaço sacro pode ser considerado um sinal do sagrado.

Naturalmente, a arte contemporânea é quase que inacessível e em alguns casos precisa mesmo de um auxílio para ser compreendida, sendo esta consideração válida para obras de arte mais antigas. No Concílio Vaticano II é feita uma advertência a certas representações que não se coadunam com a devoção cristã, quer ao nível da sua insuficiência, impostura de expressão artística e mediocridade, sendo preferível, desde o século XX, a ausência de ornamentos pois isto significa a simplicidade em oposição à ostentação.

Por esse motivo, foi seguida a mesma linha de raciocino descrita anteriormente, em que a ausência de imagens e ornamentos é considerada uma manifestação do sagrado.

[30] Richter, Klemens. "*Espaços de igrejas e imagens de Igreja – O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva.*". Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1998.

4.2.6 O Altar

O altar cristão pode ser definido em função da sua forma, natureza e função torna-se, portanto, imprescindível clarificar o que se entende com a palavra "altar". Se fizermos uma análise linguística da palavra não é clara a descrição da sua natureza, pois a palavra latina "Altare" deriva da palavra "Adolere" que significa "Queimar", porém, refere-se ao culto sacrificial não cristão que preadivinha o queimar da oferta sacrificial, sendo nos dias de hoje mais claro que nos séculos passados, que o altar não é uma pedra sacrifical, mas sim a "mensa Domini", ou seja, a mesa do senhor.

Na época barroca, após o Concílio de Trento no século XVI, o tabernáculo é colocado no altar, no entanto, posteriormente são poucas as mudanças desde essa data até finais do século XIX. Junto ao altar maior, existe desde o período gótico uma multiplicidade de alteres secundários, por norma junto às naves laterais, perfazendo um total de três altares, sendo que um destes altares laterais era considerado o altar mariano. Contudo, na época entre as duas Grandes Guerras, talvez devido aos impulsos litúrgicos, tenta-se devolver ao altar o seu significado e dignidade próprios, e para isso é colocado o altar em uma posição elevada face à assembleia e, como referido anteriormente, não existe qualquer suporte litúrgico para esta decisão. Após a II Guerra Mundial podemos assistir à construção de novas igrejas que replicam a planta de anel aberto, mas só após a realização do Concílio Vaticano II e das reformas daí advindas é que podemos assistir ao altar a tornar-se novamente o centro da ação de graças celebrada na Eucaristia, ou seja, a mesa do senhor.

Todavia, foi possível assistir a uma nova localização do altar estando este agora despegado da cabeceira da igreja, permitindo assim, que o sacerdote esteja voltado para a assembleia no momento das celebrações religiosas, sendo imperioso que o mesmo possa ser percorrido na sua totalidade. Porém, no século XX assistiu-se a uma recolocação altimétrica do altar, estado este agora colocado sobre uma elevação até doze degraus, elevando o sacerdote em relação ao nível da assembleia.

Podemos considerar que o primeiro contacto da arquitetura de igrejas com as ideias orientadoras do movimento litúrgico no início do século XX, não provoca ainda nenhuma superação da ideia de uma comunidade voltada para a frente. Uma boa visão para avante, para as ações simbólicas decisivas da celebração da eucaristia, permanece o argumento mais corrente, não existindo ainda nenhuma compreensão. Por volta de 1960, devido à falta que se sentia de uma forma espacial correspondente à comunidade eclesiástica, após

a constituição do Concílio Vaticano II é dada a possibilidade da colocação do altar junto dos fiéis em posição dianteira, sendo que esta alteração é entendida por vários eruditos eclesiásticos, como uma questão puramente cénica e com o objetivo de tornar visível o que ocorre no altar.[31]

A alteração da colocação do altar pode ser entendida como algo inovador ou não, dependendo do ponto de vista, pois se a ocidente este gesto se torna bastante revolucionário, levando mesmo à recolocação do altar nas igrejas existentes, o mesmo não se pode considerar a oriente, pois não se trata de uma ação inovadora na história da arquitetura das igrejas, mas como algo que já tem uma longa tradição, pois as igrejas sírias conheciam o "bema", colocado no espaço unitário, mas espacialmente separado do altar, sendo um lugar elevado ao centro do espaço sobre o qual era anunciada a palavra de Deus.

Ao nível da materialidade podemos considerar que a mesa de um altar fixo deve ser de pedra natural, segundo a tradição da Igreja e pelo seu significado, fazendo assim uma alusão a Cristo como pedra angular da sua Igreja. Neste sentido, era permitida a utilização de outros materiais dignos, tais como, o metal e a madeira, no entanto, o material que suporta a mesa da eucaristia deve ser de material diferente, mas não menos merecedor de tal dignidade. No que se refere aos adornos presentes no altar é feita referência que durante a realização da Missa este deve estar coberto com uma toalha, fazendo assim uma menção à última ceia de Cristo, sendo também colocado sobre o altar ou junto a este uma cruz, estando esta visível a toda a assembleia.

O efeito estético do altar religioso não depende apenas da sua forma e ornamentação, mas é determinado em grande medida pelo espaço e pela sua configuração, como as imagens na abside, retábulos, pelo pódio em degraus, pedestais e cor das paredes, sendo tudo isto determinante para a imagem do espaço do altar. As proporções entre o altar e o seu espaço devem ser corretas mas todo o conjunto envolvente não deve desviar as atenções deste centro de celebrações religiosas.

A configuração do altar e de todo o conjunto envolvente só pode ser alcançada através de um processo comunicativo entre a comunidade responsável, como arquitetos, artistas e teólogos.

[31] Richter, Klemens. "*Espaços de igrejas e imagens de Igreja – O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva.*". Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1998.

Na conceção do altar da igreja em execução foi tida a premissa de o colocar num local mais elevado face à assembleia, sendo colocados dois únicos degraus, em que o primeiro é uma analogia ao espaço terreno e o segundo uma analogia ao espaço sagrado e espiritual.

Ao nível da materialidade aplicada na conceção da mesa do altar foi tomada a decisão de aplicar dois dos materiais mais nobres e de grande abundância em território nacional, ou seja, a pedra mármore aplicada na parte superior do altar e o dourado que foi aplicado na parte inferior.

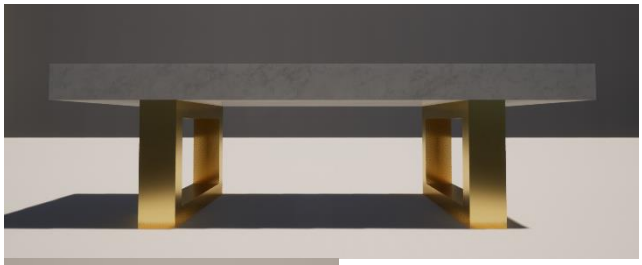

Figura 105
Vista Frontal

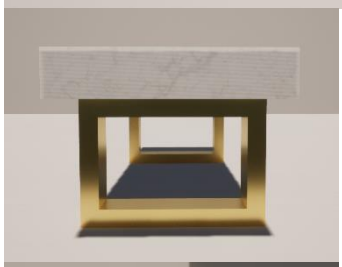

Figura 106
Vista Lateral

Figura 107
Vista em Perspetiva

4.2.7 A Pia Batismal

"*Aqui está a fonte da fonte da vida, ela lava a terra inteira. O seu fluxo bendito brota da ferida do Senhor*", esta inscrição está presente no batistério da Basílica de Latrão em Roma, sendo visível o apreço do lugar da pia batismal para a Igreja. Contudo, não podemos encontrar uma concretização prática em algumas igrejas, uma vez que, a Eucaristia e o Batismo são dos sacramentos mais significativos, então o lugar do batismo deve por força do seu significado apresentar uma configuração correspondente ao seu valor.

A fonte ou pia batismal, como o altar e o ambão, tem um significado que vai para além da celebração do batismo, enquanto lugar que nos remete para uma permanente memória do batismo, este deve ter uma expressão quer funcional, como também, artística de elevado valor. Por norma o batismo é efetuado às crianças de pais cristãos e, por esse motivo, temos assistido em grande medida a uma redução significativa do seu lugar na organização da igreja. Tornando-se, quase como, uma miniatura da piscina batismal original, pois na antiguidade também eram batizados muitos adultos aquando da sua conversão ao Cristianismo. Era prática corrente a total imersão do indivíduo, no entanto, na atualidade temos assistido a uma redução desta imersão passando a serem colocadas umas pequenas gotas de água na testa dos futuros crentes, quer sejam jovens ou adultos.[32]

Originalmente os batismos poderiam ser aplicados em qualquer fonte de água corrente ou junto a rios, mas com o evoluir das mentalidades o desnudamento dos adultos começou a exigir espaços batismais próprios. Desde o século IV que cada igreja episcopal tem um batistério próprio, como se pode constatar um pouco por todo mundo. Este lugar geralmente é escavado no chão, frequentemente, em forma de cruz, octógono e círculo, mas para além disso eram necessários espaços anexos para os crentes adultos se despirem e vestirem.[33]

Por esse motivo, a altura, dimensão e forma da fonte batismal deveria ter dimensões que possibilitassem o batismo por emersão. Existindo à data de hoje algumas regras que devem ser aplicadas aquando da sua execução, tais como, ser um lugar visível a toda a comunidade, ser um lugar fixo, funcional e com a devida reverência, deve estar apto a

[32] Comissão Episcopal de Liturgia da Alemanha. "*Linhas orientadoras para a construção e organização de espaços litúrgicos*". Coimbra, Gráfica de Coimbra, 2005.
[33] Richter, Klemens. "*Espaços de igrejas e imagens de Igreja – O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva.*". Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1998.

receber o batismo de crianças e adultos, dever ter água corrente e por último deve haver um lugar para a colocação do Círio Pascal.

Ao nível da implantação do espaço mais adequado para o batistério, após alguma reflexão da minha parte, foi decidido manter o modelo tradicional, ou seja, junto à entrada da igreja, pois como referido em algumas publicações, na antiguidade só deveria de ser permita a entrada nas igrejas cristãs, pessoas que já tivessem recebido este primeiro sacramento.

Igualmente, foram tidos em consideração outros fatores, como a luz natural no momento do sacramento e o enquadramento da paisagem no batistério.

O modelo octogonal para a forma da pia batismal, em oposição aos modelos circulares, foi desenhado em grande medida pelo significado simbólico que tem o sacramento do batismo na comunidade cristã, pois se Jesus renasceu ao oitavo dia e o Homem renasce após o batismo, considerou-se por força do seu simbolismo desenhar a pia batismal com oito faces.

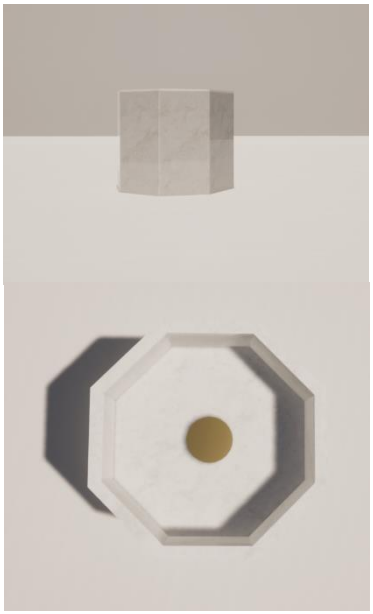

Figura 108
Vista Frontal

Figura 109
Vista Superior

4.2.8 O Lugar do Padre

As assembleias litúrgicas requerem, geralmente, o serviço da presidência, no caso da celebração eucarística por meio de um bispo, sendo assim necessário, que a sede do presidente seja um lugar funcional e um ponto de orientação em cada espaço litúrgico. O fundo do presbitério é o lugar mais indicado para o ministro de Deus, estando de frente para o povo, no entanto, se a arquitetura da igreja não o permitir ou devido a outras circunstâncias, tais como, o sacerdote ficar demasiado longe dos fiéis tornado assim a comunicação difícil entre os fiéis e o sacerdote.[34]

Na sua localização foi escolhido o modelo tradicional europeu, em que o sacerdote ocupa o seu lugar no altar tornando-se visível a toda a assembleia.

No seu desenho, foram tidas em consideração as peças de mobiliário sacro desenhadas por Teotónio Pereira e Nuno Portas, para a Igreja Sagrado Coração de Jesus em Lisboa.

Figura 110
Vista Frontal

Figura 111
Vista Lateral

Figura 112
Vista em Perspetiva

[34] Comissão Episcopal de Liturgia da Alemanha. "*Linhas orientadoras para a construção e organização de espaços litúrgicos*". Coimbra, Gráfica de Coimbra, 2005.

4.2.9 O Ambão

O ambão é considerado a mesa da palavra de Deus, devendo estar num local elevado e fixo para a sua colocação, como também, deve ser dotado de uma conveniente disposição e nobreza pois deve corresponder à dignidade da palavra de Deus.[35]

No entanto, não existe uma orientação concreta para a sua localização, nomeadamente, se deva estar no altar ou junto a este. No entanto, deve haver de acordo com a estrutura de cada igreja e as proporções aplicadas, uma harmonia entre o altar e o ambão.[36]

Tal como referido anteriormente, não existe uma localização específica para a colocação desta peça de mobiliário, mas no projeto em apresentação foi decidido que o melhor local seria à direta do sacerdote, pois o ambão é a mesa da palavra de Deus e a nível simbólico o sacerdote é o braço direto de Deus na terra.

Ao nível do seu desenho, foi tido em consideração as formas mais comuns e simplistas de ambões já desenhados por outros arquitetos, mas o que suscitou mais atenção foi o ambão desenhado por Siza Vieira para a Igreja de Santa Maria no Marco de Canaveses, tendo utilizado esse desenho como referência.

Figura 113
Vista Frontal

Figura 114
Vista Lateral

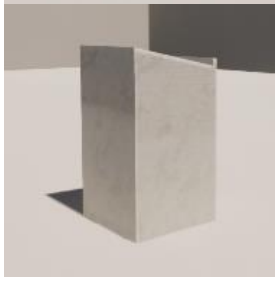

Figura 115
Vista em Perspetiva

[35] Richter, Klemens. "*Espaços de igrejas e imagens de Igreja – O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva.*". Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1998.
[36] Comissão Episcopal de Liturgia da Alemanha. "*Linhas orientadoras para a construção e organização de espaços litúrgicos*". Coimbra, Gráfica de Coimbra, 2005.

4.2.10 O Coro

O coro deve ter uma participação na liturgia tal como os outros serviços litúrgicos e, neste sentido, deve estar visível à assembleia.[37] Não sendo obrigatória a sua colocação nas costas da assembleia nem num local mais elevado. Porém, como se pode verificar um pouco por todo o país, este tem sido colocado nas costas da assembleia e num local mais elevado, sendo de considerar que o mesmo deve ocorrer pela necessidade de se colocarem outros objetos necessários à liturgia, como é o caso do órgão.

Ao nível da implantação do coro é possível constatar que o mesmo se encontra localizado num piso elevado e na entrada da igreja, sendo este, na minha opinião o local mais adequado para a colocação do coro, tal como os restantes objetos necessários ao seu funcionamento, como é o caso do órgão da igreja.

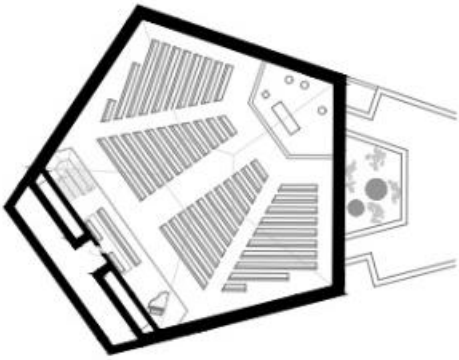

Figura 116
Planta Coro

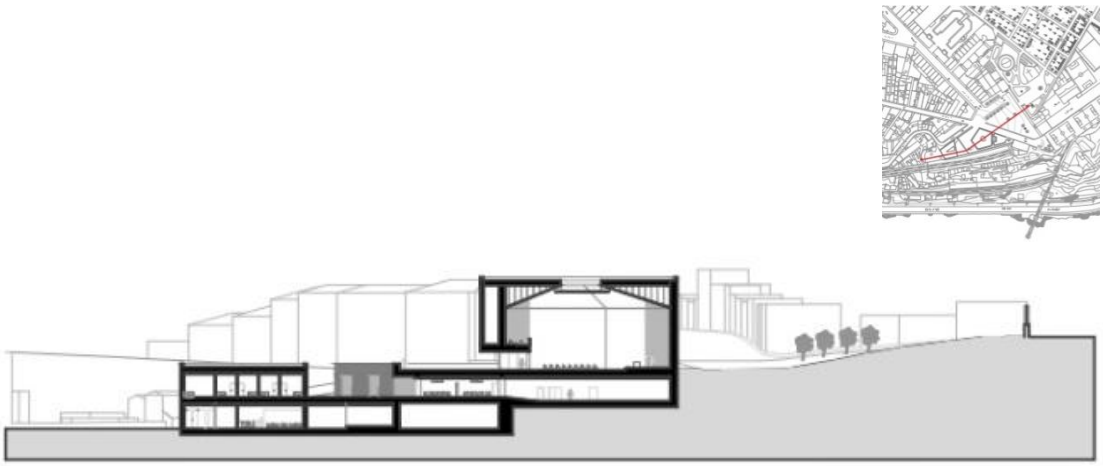

Figura 117
Corte Longitudinal

[37] Comissão Episcopal de Liturgia da Alemanha. "*Linhas orientadoras para a construção e organização de espaços litúrgicos*". Coimbra, Gráfica de Coimbra, 2005.

4.2.11 Os Bancos

Podemos considerar, que a disposição dos lugares na igreja, para os seus celebrantes é uma expressão da forma como a Igreja e a comunidade se compreendem a si mesmas. Especialmente, no que diz respeito à disposição dos assentos, sendo estes um elemento decisivo para a participação nas celebrações. Numa publicação litúrgica, sobre o espaço litúrgico, é referido que os bancos compridos não limitam a mobilidade dos que se reúnem, são barreiras que separam a assembleia do presidente e dos outros ministérios, incentivando a uma participação passiva.[38]

Não existindo qualquer motivo para os considerar como um elemento constitutivo do espaço litúrgico, sendo até considerados uma invenção moderna que foi introduzida para os mais idosos e débeis. Nos dias hoje existem algumas igrejas europeias que não possuem bancos, apenas possuem um número muito redizído de cadeiras para os que não têm condições físicas de permanecer de pé durante toda a liturgia.

Na igreja projetada, foi tomada a decisão de colocar os bancos de forma radial, permitindo que toda a assembleia se veja "olhos nos olhos".

Ao nível do desenho aplicado, foi tido em consideração os bancos desenhados por Carrilho da Graça para a Igreja de Santo António em Portalegre, servindo assim de inspiração, quer pela sua sobriedade como pela sua simplicidade.

Figura 118
Vista Frontal

Figura 119
Vista Lateral

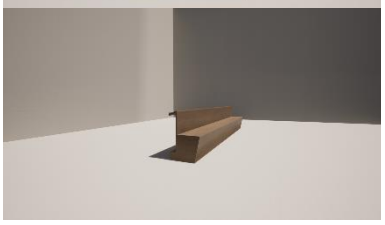

Figura 120
Vista em Perspetiva

[38] Comissão Episcopal de Liturgia da Alemanha. "*Linhas orientadoras para a construção e organização de espaços litúrgicos*". Coimbra, Gráfica de Coimbra, 2005.

4.3 As Capelas Mortuárias

As capelas mortuárias desenvolvidas no decorrer do projeto, assetam num princípio que se revelou de grande importância, a separação espacial deste espaço face à igreja e, principalmente, a separação física do centro paroquial, em grande parte, devido às sensações e emoções que por norma são manifestadas nestes locais de rituais fúnebres.

Na sua implantação é possível constatar que a mesma assume a forma pentagonal da igreja, estando num piso inferior a esta e sem abertura de vãos de grande dimensão para a paisagem, tal como acontece na entrada, que a nível visual assume as mesmas proporções da igreja.

O motivo pelo qual foi tomada esta decisão, prende-se com o facto de se desejar transmitir a sensação de "descida à terra", quase como uma cripta, como se fosse feita a despedida final ao defunto no local onde irá passar a eternidade, na terra.

Após reflexão, foi tomada a decisão de criar espaços de estar privados para a família e amigos do defunto, anexos a cada capela mortuária, existindo uma grande área de estar na entrada das capelas mortuárias, que está dividida pela força do seu mobiliário em quatro espaços.

No desenvolvimento da organização do programa das capelas mortuárias foram projetados dois espaços anexos às capelas mortuárias, que funcionam um como uma cafetaria e o outro como florista e loja de velas. Após análise ao local, foi evidenciada a quase inexistência deste tipo de espaços e, na minha opinião, seria necessária a existência deste tipo de espaços só para uso exclusivo dos utilizadores da capela mortuária, devido às emoções experienciadas nos rituais fúnebres.

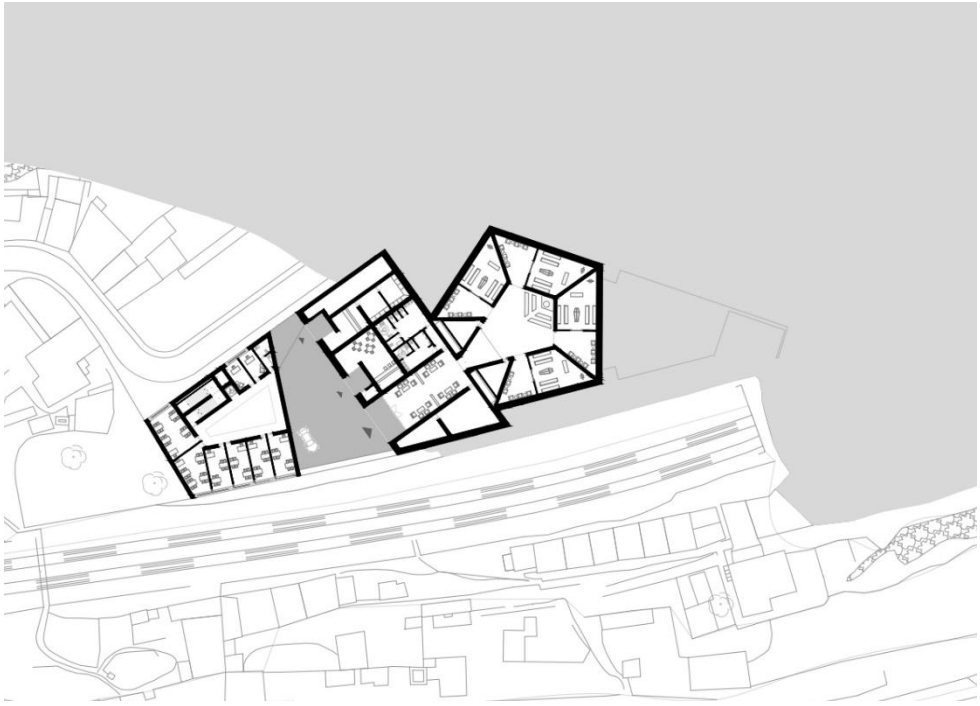

Figura 121

Planta Capelas Mortuárias

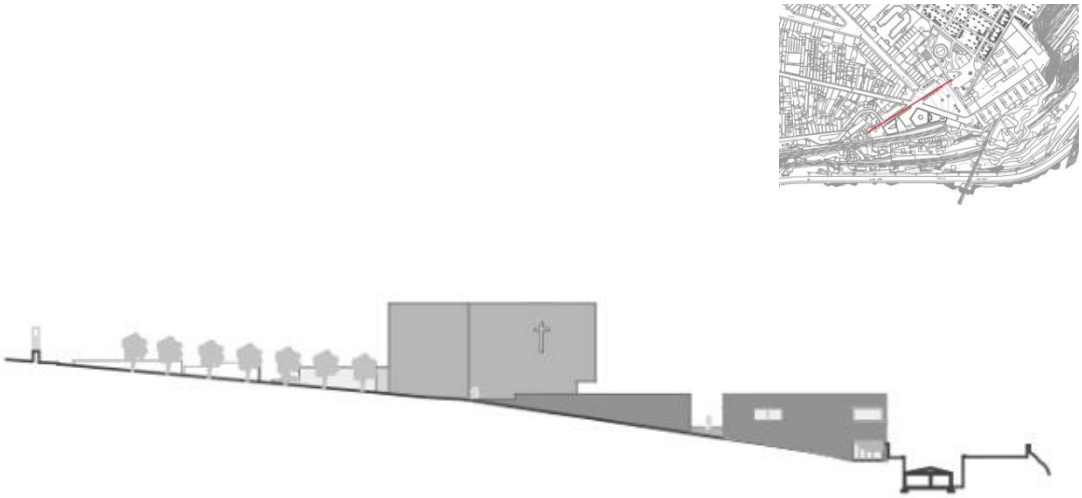

Figura 122

Corte Longitudinal

4.4 O Centro Paroquial

Na composição formal deste complexo, foi decidido que o mesmo ocuparia o final do lote do terreno, de forma a distanciar este edifício do restante complexo religioso.

Esta opção foi tomada de acordo com as cerebrações que ocorrem neste espaço, em que o estado de espirito dos seus utilizadores diverge das emoções experienciadas no restante complexo, como por exemplo as capelas mortuárias.

Neste espaço é projetado um salão paroquial, que em alturas de festa é neste local que a comunidade se reúne. Devido às exigências do programa pedido, foi projetado um bar, dois gabinetes técnicos e seis salas de catequese, que só podem ser acedidas pelo piso da entrada do centro paroquial. Todavia, é de realçar que para o piso das salas de catequese não existem aberturas de vãos voltados para as capelas mortuárias, só foram projetados vãos voltados para a Rua de Gomes Freire e para a escarpa do Douro.

A organização do programa no centro paroquial foi repartida em duas partes, a primeira mais aberta ao público, que esta no piso térreo e que é composto pela entrada, bar e salão paroquial, a segunda mais privada e restrita que é composta pelas salas de catequese e os dois gabinetes técnicos.

Neste espaço não estão contempladas áreas exteriores públicas, mas em contrapartida, este é o volume que mais se abre para a paisagem, tendo vãos de grande dimensão.

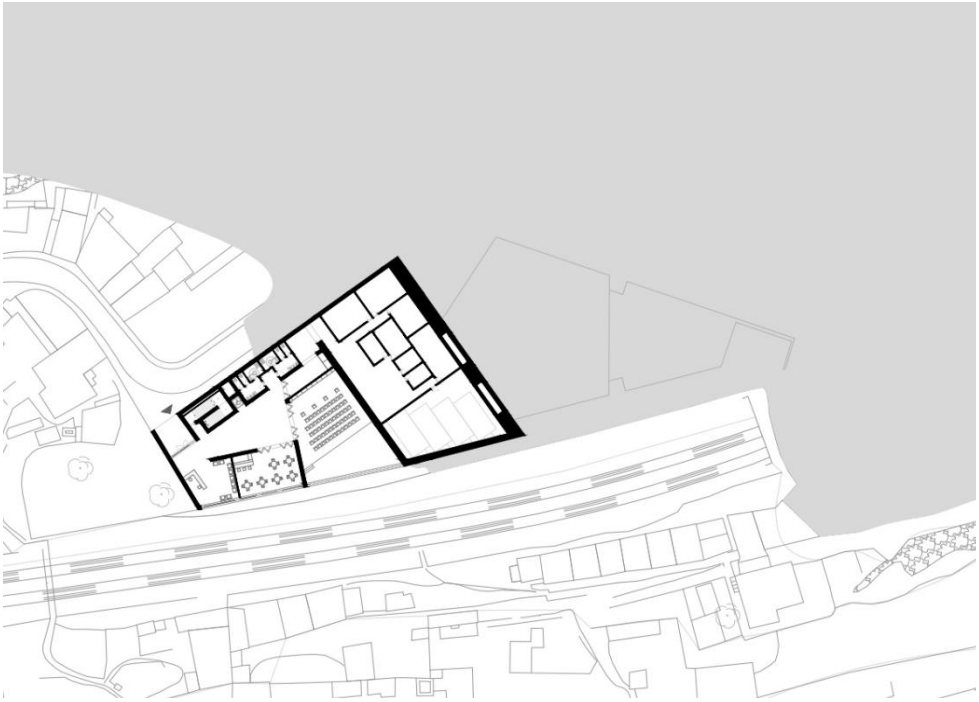

Figura 123

Planta Centro Paroquial

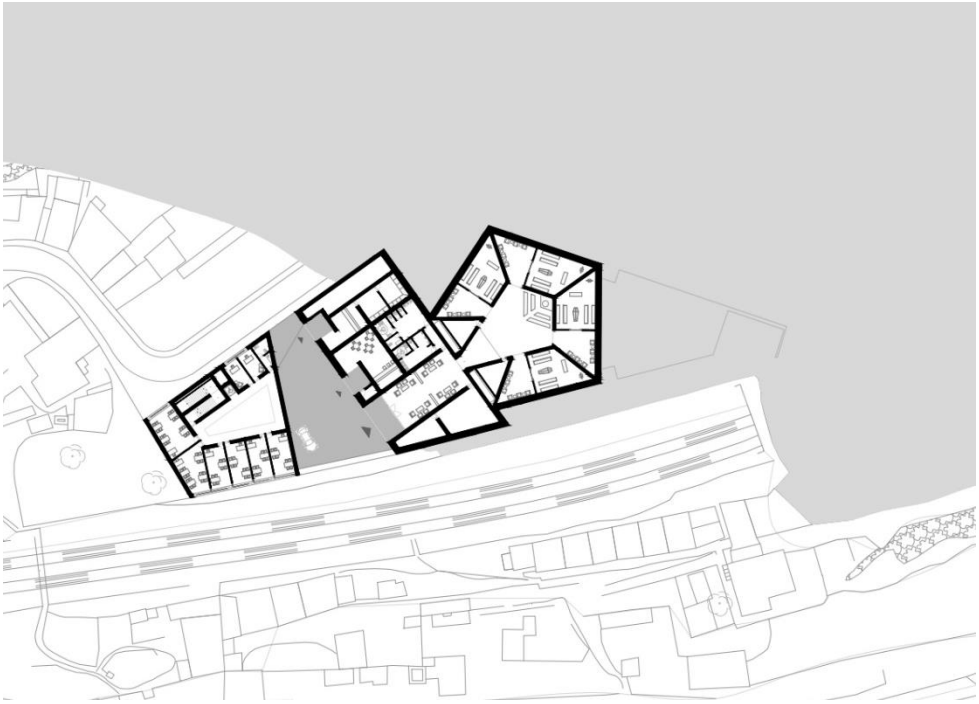

Figura 124

Planta Centro Paroquial e Salas de Catequese

Capítulo V

5.1 Considerações Finais

Esta dissertação pretende ser uma ferramenta útil no auxílio à conceção de novos espaços religiosos, bem como, demostrar alguns dos aspetos mais relevantes no meu projeto de arquitetura religiosa, desenvolvido na cidade do Porto.

Numa análise, ao panorama atual da arquitetura religiosa portuguesa, podemos referir que o estudo da liturgia e as novas doutrinas advindas da realização do Concilio Vaticano II mostraram-se de grande relevância para a conceção de espaços religiosos, bem como, de objetos litúrgicos.

Ao estudar este tema foi possível ter um maior conhecimento na edificação de complexos religiosos e das suas dificuldades espaciais na conceção de edifícios religiosos. Todavia, ao estudar a liturgia juntamente com a evolução da arquitetura religiosa portuguesa e os ensinamentos advindos do MRAR foi possível encontrar linhas orientadoras, quase que intemporais, para a conceção de alguns objetos litúrgicos.

Contudo, ao contrário da edificação das igrejas e dos objetos litúrgicos, não existe muita informação litúrgica sobre a conceção de outros espaços de culto, como é o caso das capelas mortuárias e dos centros paroquiais. Neste sentido, a conceção espacial e espiritual fica ao critério do arquiteto e do cliente, sendo comum, o desejo de construir um espaço religioso que seja um reflexo de uma sociedade religiosa contemporânea.

No entanto, foi possível verificar que com a evolução dos modelos de morte em Portugal, a "*Morte Domesticada*"[39] evolui para o modelo de "*Morte Partilhada*"[40] consequência da mudança das mentalidades sociais, sendo este um contributo de grande relevância na edificação de novas capelas mortuárias. Por sua vez, a edificação de novos centros paroquiais teve um grande contributo das novas doutrinas, advindas do Concílio Vaticano II, uma vez que, a Igreja é vista como uma instituição de cariz religioso/social e deveria de ficar mais próxima dos seus fiéis.

Todavia, considero que os edifícios religiosos são um tema pouco desenvolvido pela arquitetura portuguesa, possivelmente, devido à falta de investimento neste tipo de equipamento. Neste sentido, a conceção de novos edifícios religiosos, bem como, o aparecimento de novas manifestações artísticas modernas fica comprometida.

---

[39] Ariès, Philippe. "*O homem diante da morte*". São Paulo, Editora Unesp, 2015.
[40] Ariès, Philippe. "*O homem diante da morte*". São Paulo, Editora Unesp, 2015.

Por conseguinte, com a elaboração desta proposta foram tidas em consideração todos os espaços e áreas pedidas para a execução do projeto a ser desenvolvido para a cadeira de projeto do 5ºAno. No entanto, foram acrescentados outros espaços que contribuíram para o enriquecimento deste complexo religioso, nomeadamente, uma florista e loja de velas.

Por fim, foi possível realçar um dos maiores princípios vigentes na conceção do meu complexo religioso, o espaço público exterior, existindo assim, várias praças em diferentes níveis altimétricos, que foram projetadas como espaços de contemplação e reflexão, em oposição à maioria dos espaços internos, que se encerram sobre si mesmos, sendo espaços de reflexão privados, como é o caso das capelas mortuárias.

Bibliografia

Airès, Philippe. "*História da Morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias*". Rio de Janeiro, F. Alves, 1977

Ariès, Philippe. "*O homem diante da morte*". São Paulo, Editora Unesp, 2015.

Barth, Reinhard; Berkel, Irene; Butscher, Ralf; Husemann, Dirk; Lückemeier, Kai; Müller, Dorothea; Neuschäffer, Christoph; Schmidt, Stephanie; Schuhmacher, Stefanie. "*Mistérios da Humanidade – Símbolos e Mensagens*". Círculo de Leitores, 2011.

Captivo, Maria Teresa, "*Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos, Análise Morfológica*", Instituto Superior Técnico de Lisboa, 2016. Tese de Mestrado

Comissão Episcopal de Liturgia da Alemanha. "*Linhas orientadoras para a construção e organização de espaços litúrgicos*". Coimbra, Gráfica de Coimbra, 2005.

Cunha, João Alves. "*MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa, Os Anos de Ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no século XX*", Universidade Católica Editora, 2015. Tese de Doutoramento

Favrod, Charles-Henri. "*Os Cristãos: Igreja, Instituições, Personalidades, Movimentos, Ecumenismo, Perspetivas.*". Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1977.

Fernandes, José Manuel. "*Igrejas do Século XX – Arquiteturas na Região de Lisboa*". Portugal, Editora Caleidoscópio, 2014.

Higino, N. "*Jardim e Casa Mortuária. Igreja de Santa Maria. Álvaro Siza*" Cenateca, 2001.

Marques, João Luís. "*The church in the city: Tha churchyard in Parish Church Complexes – 3 case Studies*". Porto, FAUP, 2012.

Martins, Jorge. "*Arquitetura Religiosa pós Concílio Vaticano II, Adequação do espaço celebrativo ao ritmo litúrgico: o caso do Alto Minho*", Universidade Superior da Gallaecia, 2015. Tese de Mestrado

Miranda, Bernardo Pizarro. "*Liturgia e Arquitetura: pensar um lugar para a liturgia*". Faup. 2014.

Petruski, Maura. "*A cidade dos mortos no mundo dos vivos – os cemitérios*". Brasil, Revista de Historia Regional, 2006.

Pereira, Paulo. "*Arte Portuguesa, História Essencial* ". Lisboa, Circulo de Leitores, 2014

Pina Cabral, João. "*Os cultos da morte no noroeste de Portugal*". Lisboa, Editora Querco, 1985.

Portas, Nuno. "*A arquitetura para hoje*". Lisboa, Augusto Sá Costa Lda, 1964.

Richter, Klemens. "*Espaços de igrejas e imagens de Igreja – O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva.*". Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1998.

Saraiva, Clara. "*Antropologia Portuguesa - Rituais funerários dos dois lados do Atlântico*". Coimbra, Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra, 1994.

Siza, Álvaro. "*Igreja de Santa Maria*", Porto, Letras e Coisas, 2016.

II Concilium Vaticanum, "*Sacrosantum concilium*" Vol. 42

Webgrafia

arquivos.rtp.pt

arquitectos.pt/index.htm

espacodearquitetura.com

https://homelessmonalisa.com/sobre/

revista5.arquitetonica.com

www.snpcultura.org

www.vatican.va/content/vatican/it.html

www.igrejasantamaria.pt